

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR: práticas e resistências dos cursos pré-universitários da FURG



Leonardo Dorneles Gonçalves

Kelen Porto
(Organizadores)

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR:
práticas e resistências dos cursos pré-universitários da FURG



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE-FURG

Reitor

DANILO GIROLDO

Vice-Reitor

RENATO DURO DIAS

Chefe de Gabinete do Reitor

JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

DIEGO D'ÁVILA DA ROSA

Pró-Reitor de Infraestrutura

RAFAEL GONZALES ROCHA

Pró-Reitora de Graduação

SIBELE DA ROCHA MARTINS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

CAMILA ESTIMA DE OLIVEIRA SOUTO

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

EDUARDO RESENDE SECCHI

Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação

DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente

DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares

ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO

ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA

CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES

CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

EDUARDO RESENDE SECCHI

ELIANA BADIALE FURLONG

LEANDRO BUGONI

LUIZ EDUARDO MAIA NERY

MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG

Câmpus Carreiros

CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil

editora@furg.br

Integrante do PIDL

Leonardo Dorneles Gonçalves
Kelen Porto
(Organizadores)

POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR:
práticas e resistências dos cursos pré-universitários da FURG



Rio Grande
2024

© Leonardo Dorneles Gonçalves; Kelen Porto

2024

Designer da capa: Claudia Dorneles
Diagramação da capa: Murilo Borges
Formatação e diagramação: João Balansin
Revisão Ortográfica e Linguística: Liliana Mendes

Ficha catalográfica

U588 Por uma universidade popular: práticas e resistências dos cursos pré-universitários da FURG [Recurso Eletrônico] / Organizadores Leonardo Dorneles Gonçalves, Kelen Porto. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2024.
81 p. : il. color.

Modo de acesso: <http://repositorio.furg.br>
ISBN 978-65-5754-250-7 (eletrônico)

1. Educação Popular 2. Curso pré-universitário 3. Universidade Federal do Rio Grande – FURG I. Gonçalves, Leonardo Dorneles II. Porto, Kelen III. Título.

CDU 374.7

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
Cassiane F. Paixão	
INTRODUÇÃO	9
<i>CAPÍTULO 01</i>	
PRÉ-ENCCEJA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM LUGAR DE RESPIRO ENTRE AS IMPOSSIBILIDADES	11
Luís Cardinalli, Jéssica Leal Kirst e Kelen Porto	
<i>CAPÍTULO 02</i>	
PRÉ-UNIVERSITÁRIO FÊNIX: UMA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA PELA EDUCAÇÃO	18
Agda Antunes Balduino, Jéssica Leal Kirst, Juliana Martello, Fabiane Pereira Fonseca	
<i>CAPÍTULO 03</i>	
UMA REVISÃO DA HISTÓRIA E ANÁLISE DO PERFIL DE EDUCANDOS E EDUCANDAS DO CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR PAIDEIA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS	28
Carolina Colalillo Navajas	
<i>CAPÍTULO 04</i>	
PODER POPULAR: PENSAR A EDUCAÇÃO POPULAR PARA ALÉM DO LIBERALISMO E DO ASSISTENCIALISMO	46
Évelyn Caseira Nunes, John Lennon Barros Rodrigues	
<i>CAPÍTULO 05</i>	
PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR QUINTA SUPERAÇÃO: 20 ANOS DE HISTÓRIAS DE SONHOS E SUPERAÇÕES	56
Roberta Avila Pereira, Juliana Avila Pereira eThalis Figueiredo Sartório	
<i>CAPÍTULO 06</i>	
A TRAJETÓRIA DO CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR UP	69
Douglas Ferreira dos Santos	
SOBRE OS/AS AUTORES/AS	79

APRESENTAÇÃO

Cassiane F. Paixão

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação de libertação coletiva, não existe brecha entre teoria e prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre essas duas - um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (Bell Hooks. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade)

No início do ano letivo de 2024, recebi o convite para fazer a apresentação de um livro do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnicos e Superior (Paiets), e aceitei de imediato, tendo em vista a proximidade e a empatia com a discussão propiciada pelos educadores e educadoras sobre Educação Popular.

No entanto, na leitura dos textos, comecei a repensar nesse movimento entre nossa formação como educadora e a relação que estabelecemos com a comunidade, com os coletivos e com as organizações sociais. Num período, foi possível repensar, inclusive, sobre ser educadora nesse período pós-pandemia, no mundo atual das telas de celular, mas, principalmente, sobre a relação da universidade junto à formação de estudantes de graduação que demonstraram seu amor, tempo, dedicação e realização no que se refere à Educação Popular e aos conceitos que desenvolvem relacionando educação e comunidade.

Os textos, aqui apresentados, são reflexões de educadores e educadoras que direcionaram suas atividades de formação na universidade para dedicarem-se muito mais do que expressam as grades do currículo, mas para pensar, junto à comunidade de Rio Grande, espaços realmente participativos no acesso à educação, problematizando uma teoria que só vai ser libertadora quando cumprir a sua função, quanto entender que é possível trazermos, para nossa formação, experiências educativas carregadas de afeto e de resistência - presentes quando ousamos atravessar o grande muro que cerca a universidade.

No primeiro capítulo, intitulado Pré-Encceja e Educação Popular: um lugar de respiro entre as impossibilidades, Luís Cardinalli, Jéssica Kirst e Kelen Porto tratam de suas reflexões sobre Educação Popular a partir de experiências do Pré-Encceja, e destacam a emancipação do indivíduo e o debate dos problemas sociais e da criação de soluções para esses problemas, com uma participação ativa nos processos educativos e sociais. As autorias do trabalho realizam, neste texto, o exercício de utilizar uma abordagem capaz de “enxergar o outro”, entendendo a comunidade como detentora de saberes válidos e significativos, cujo processo educativo pode não ser sobre ingressar na universidade, mas ser sobre conceituar educação, disposto a experimentar e vivenciar experiências educativas.

No texto seguinte, Agda Antunes Balduino, Jéssica Leal Kirst, Juliana Martello, Fabiane Pereira Fonseca trazem, no escrito intitulado *Pré-universitário Fênix: Uma História de Luta e Resistência pela Educação*, percepções sobre o processo educacional das autoras e suas discussões sobre ser educadora a partir do contexto de Educação Popular Fênix. Entre trajetórias que se debruçam sobre um espaço de debate e experiências educativas carregadas de afetos, o texto nos indica que pensar a educação, na formação de professores e professoras, é, também, conviver com questões compartilhadas no coletivo.

No artigo escrito pela educadora Carolina Colalillo Navajas, com o título *Uma Revisão da História e Análise do Perfil de Educandos e Educandas no Curso Pré-Universitário Popular Paideia: Reflexões e Perspectivas Futuras*, foi possível observarmos a trajetória do contexto de Educação Popular Paideia, destacando o compromisso desse grupo com a Educação Popular em meio a desafios sociais e educacionais, inclusive em tempos de pandemia. A educadora nos demonstra a reorganização do grupo e a formação de seus educadores e educadoras, destacando a resistência de um contexto popular que se readaptou ao momento de crise sanitária, reformulando-se no perfil de acesso e de debate.

Poder popular: Pensar a Educação Popular para Além do Liberalismo e do Assistencialismo é o título do texto de Évelyn Caseira Nunes e John Lennon Barros Rodrigues, que demonstram as experiências no curso de Pré-Enem Poder Popular, contextualizando a educação no Brasil e o modo de produção capitalista, pautando a reformulação do seu modelo curricular e trazendo a alternativa de poder popular como representação das necessidades da classe trabalhadora brasileira, indicando possibilidades de resignificação da educação para além do capital.

Pré-Universitário Popular Quinta Superação: 20 Anos de Histórias de Sonhos e Superações, de autoria de Roberta Avila Pereira, Juliana Avila Pereira e Thalís Figueiredo Sartório, discute a experiência constituída no Pré-Universitário Popular (PUP) Quinta Superação, interior da cidade de Rio Grande/RS. E teve início em 2003, com a iniciativa de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) que residiam na Vila da Quinta e reconheciam as dificuldades enfrentadas para ingressar no ensino superior. Um contexto que foi sendo articulado em vários espaços, construindo suas raízes junto à comunidade e demonstrando sua preocupação com a perspectiva freiriana de Educação Popular.

O texto que fecha o livro é do educador Douglas Ferreira dos Santos, *A Trajetória do Curso Pré-Universitário Popular UP*, e remete às experiências afetivas, participativas, de conquistas, comprometimento/retorno e aprendizados do Curso Popular Up, sendo sua jornada iniciada em 2013, formada por educadores que se mostraram junto ao movimento de Educação Popular. O texto demonstra o quanto o curso sempre procurou envolver outros segmentos da sociedade durante as atividades, com a perspectiva e a participação de coletivos e organizações sociais, consagrando-se não só um espaço de resistência, mas também de acolhimento.

Paulo Freire entende que qualquer esforço de Educação Popular deve estar relacionado à problematização do homem-mundo ou do homem em suas relações com o mundo e com os homens, possibilitando, só assim, que estes aprofundem sua tomada de consciência da realidade.

Ao adentrar nas experiências dos educadores e educadoras do Paiets, permeada de resistência na manutenção do programa, em meio às mudanças do processo educacional, a uma crise sanitária, de intempéries das organizações educacionais, é possível observar que o objetivo do programa é o de formação da tomada de consciência, e essa sim é o que pode ser consagrada como a experiência da real formação na educação, aquela direcionada para a libertação e consciência crítica sobre o mundo e, principalmente, sobre nós.

Boa leitura

INTRODUÇÃO

O livro “Por uma universidade popular: práticas e resistências dos cursos pré-universitários da FURG” é uma obra coletiva, oriunda dos trabalhos de Educação Popular, junto aos cursos preparatórios para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e para o Exame Nacional de Certificação e Competências da Educação de Jovens e Adultos (Encceja). Nela, o/ leitor/a encontrará relatos, práticas e reflexões de acadêmicos/as e profissionais da educação comprometidos/as com a democratização do acesso à universidade, tornando-a efetivamente plural, diversa, social e popular.

Superados os tempos pandêmicos, quando os cursos pré-universitários enfrentaram intensos desafios, reiniciamos as atividades interpelados por distintos sentimentos. De um lado, a dúvida sob quais as condições seriam possíveis ao retorno para a oferta das aulas presenciais, uma vez que, após a pandemia, a universidade já não dispunha dos mesmos recursos como antes. De outro, a consciência em torno da necessidade social dos cursos, de modo especial aqueles junto à população pobre que reside nas periferias de Rio Grande/RS. Inquestionavelmente, há mais de 20 anos, as aulas preparatórias têm dado importantes contribuições para elevar a qualidade educacional do município, desde a educação básica até o ensino superior, o que não poderia ser diferente nesse momento.

Assim, para compartilhar as experiências de Educação Popular em um tempo de grandes desafios políticos, econômicos e sociais, mas, também, aberto a novas possibilidades, é que reunimos um coletivo de educadores/as que socializam seus trabalhos, reflexões e conhecimentos, atravessados por relações de amizade, afeto e compromisso com as causas coletivas. Na obra, o/a leitor/a encontrará excelentes relatos das práticas educativas e, também, vivências que marcam os caminhos daqueles/as que se colocam na aventura de educar e, portanto, resistir enquanto

sinal de esperança frente as dificuldades impostas por mecanismos seletivos e excludentes de acesso à universidade.

Desejamos que os textos desta obra qualifiquem as lutas educacionais para a construção de uma universidade verdadeiramente pública e popular. Boa leitura!

Leonardo Dorneles Gonçalves

Kelen Porto

PRÉ-ENCCEJA E EDUCAÇÃO POPULAR: UM LUGAR DE RESPIRO ENTRE AS IMPOSSIBILIDADES

Luís Cardinalli
Jéssica Kirst
Kelen Porto

Introdução

O Exame Nacional para Certificação de Competências (Encceja) é uma oportunidade para aqueles que desejam obter a certificação de conclusão do ensino fundamental ou médio, porém não tiveram a oportunidade de finalizar seus estudos na idade adequada. O exame é destinado a jovens e adultos que desejam comprovar suas habilidades e conhecimentos, mostrando que estão preparados para seguir adiante em sua vida, seja acadêmica, profissional seja por realização pessoal.

Antes de realizar o Encceja, seria adequado que os candidatos passassem por uma fase de preparação, mas nem todos têm acesso a tal possibilidade. Durante essa etapa, o ideal seria que tivessem a oportunidade de se familiarizar com o conteúdo das provas, relembrar matérias que estudaram no passado e prepararem-se para o exame de certificação.

E foi com esse intuito que o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnicos e Superior (Paiets), que integra vários projetos de Educação Popular, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande FURG, deu início ao pré-Encceja, no mês de junho de 2023, ministrando aulas em uma das salas cedida pelo Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente (Caic).

Quando a união nos capacita a chegar mais longe

Tive o prazer de participar ativamente como coordenadora pedagógica do projeto. Nossos encontros diários foram repletos de aprendizados. Ao contrário dos que todos acreditam, a maioria dos que lá estavam almejam uma vaga na universidade. Com isso, passo a acreditar que é cultural dizer que os candidatos só se inscrevem em tal exame para melhorar no trabalho ou simplesmente terminar os estudos. Há muitos anseios, muitos sonhos, muitos projetos para a aprovação no exame.

Lembro-me dos olhos brilhantes na primeira semana de aula, quando relatei ser fruto do Encceja e do Paiets, através do Fênix. Se eu havia conseguido e estava cursando o 5º semestre de pedagogia da FURG, eles também conseguiriam. Eu era, diante deles, a prova irrefutável da possibilidade em meio a tantas impossibilidades.

O Pré-Encceja foi um momento fabuloso de muito aprendizado e descobertas, inúmeras trocas de saberes e momentos únicos. Foram disponibilizadas 50 vagas, tivemos 26 inscritos, porém os contratempos da vida impossibilitaram que alguns nos acompanhassem até o fim. Ainda assim, os que permaneceram e aqueles que não puderam estar conosco diariamente continuaram mesmo que de casa ou do trabalho, acabaram percebendo que possuem um potencial que, antes, desconheciam. Através do estudo e da preparação, descobriram o prazer de aprender e perceberam que são capazes de atingir seus objetivos e podem chegar aonde desejarem.

No momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das “situações-limite” [...]. (Freire, 2007, p. 104)

Além disso, o Pré-Encceja foi uma experiência de superação. Muitas vezes, os candidatos enfrentaram dificuldades, seja porque não tiveram uma base sólida de estudos no passado, seja por problemas pessoais e até mesmo climáticos. Nesse processo, tivemos que lidar com chuvas e ciclones, mudanças de horários de trabalho, com as férias escolares dos filhos e com todos os atravessamentos da vida adulta.

A tão temida redação, tema que nos rodeava dia após dia, era um grande monstro, até que o medo de escrever e os mitos construídos se esvaíram, e o receio de não conseguir alcançar pontuação suficiente para obter a certificação sumiu,

como fumaça no ar. Com determinação e persistência, com o auxílio de toda a equipe educadora, juntos superamos esses obstáculos e, certamente, alcançaremos os objetivos almejados: a aprovação. Paulo Freire nos ensinou que;

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. O educador se eterniza em cada ser que educa. A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem" (Freire, 2000, p. 67).

Outro aspecto importante do Pré-Encceja foi a troca de conhecimentos e experiências entre os inscritos. Durante as aulas preparatórias ou nos grupos de estudo, eles tiveram a oportunidade de interagir e compartilhar suas vivências. Essa convivência proporcionou um ambiente de apoio mútuo, todos se sentiam motivados a continuar estudando e se esforçando para obter bons resultados. Esse companheirismo foi o ingrediente principal dos nossos encontros.

Em resumo, as experiências do Pré-Encceja são marcadas pelo aprendizado, superação e troca de conhecimentos. A Educação Popular é de suma importância para que tenhamos não só um discurso de que a Educação é um direito de todos, mas também a realização desse discurso. Nossos encontros foram momentos de preparação e dedicação para os inscritos que desejam obter a certificação de conclusão do ensino fundamental ou médio. Nesse período, descobrimos, em todos nós, habilidades e potencialidades que não conhecíamos, além de vivenciar dificuldades e desafios que superamos juntos, com determinação e esforço, sabendo que nos tinham como rede de apoio para o que precisassem.

A Educação Popular visa ao desenvolvimento crítico e participativo da sociedade. Ela se baseia na ideia de que o conhecimento deve ser construído de forma coletiva, sendo acessível e compreensível para todas as pessoas. A participação ativa, nos processos educativos e sociais, faz com que haja a emancipação do indivíduo, a partir da compreensão dos problemas sociais e da criação de soluções para esses problemas. Sendo assim, mesmo para aqueles que não atingirem a aprovação, algo ficará, a semente está plantada, certamente irá brotar.

Os educadores envolvidos, no projeto, se dedicaram com excelência, buscando valorizar os saberes e conhecimentos populares, marginalizados pela educação formal e tradicional. Ademais, reconheceram a importância das vivências

e experiências dos indivíduos no processo de ensino-aprendizagem, promovendo a reflexão crítica e a participação ativa dos sujeitos envolvidos.

Essa abordagem pedagógica busca transformar a realidade social, favorecendo a autonomia e a capacidade de ação coletiva dos indivíduos a partir da análise crítica da realidade e do diálogo entre diferentes saberes – como o café filosófico que foi ministrado pelo educador Luís de História, buscando construir conhecimentos relevantes e significativos para a vida das pessoas.

Assim como a educadora Jéssica (Teka) de geografia, que também ministrava aulas de filosofia, que valorizava a horizontalidade e a democratização dos espaços educativos, estimulando a participação de todos os envolvidos no processo. Acreditamos que o conhecimento não está apenas nos livros e na figura do professor, mas está presente nas práticas cotidianas e nas vivências dos sujeitos.

Nesse sentido, para nós, a Educação tem como objetivo principal a emancipação dos indivíduos, promovendo seu empoderamento e seu protagonismo na transformação social. Além de buscar superar a visão tradicional de educação como mera transmissão de conhecimentos, valorizar a capacidade dos sujeitos de se posicionarem criticamente e de atuarem como agentes de mudança, com uma abordagem de educação comprometida com a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Educação Popular: Pré-Encceja como fator de transformação social e pessoal

A Educação Popular é um fomento de resistência dentro de uma prática social dominante por parte da elite, que, por interesses políticos e ideológicos, prioriza o acesso ao conhecimento entre os seus, assim como na idade média, quando somente o clero e a nobreza tinham acesso à educação. Além disso, é justamente por causa dessa desigualdade social que a Educação Popular se caracteriza, não somente pela oportunidade de oferecer um processo de aprendizagem àqueles que nunca puderam ir à escola, ou foram afastados desta, mas também pela oportunidade de uma consciência política, social e histórica que venha transformar o espaço social em um lugar de igualdades para todos.

Assim, ocorre um processo de mudanças sociais e pessoais que colaboram com o surgimento de uma nova estrutura social, pois o conhecimento liberta toda forma de opressão e outras mazelas da sociedade. Nas palavras de Christofoletti:

“Historicamente tem a Educação Popular se caracterizando por possuir projetos mais explícitos de transformação social, a partir do respeito ao senso comum, problematizá-lo, levando-o à reflexão e colaboração de novos conhecimentos, inclusive acerca da realidade social e política.” (Christofoletti, 1997, p. 2).

O Enceja (Ensino de jovens e adultos) faz parte dessa realidade, no qual, particularmente, tive a grande experiência, através do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnicos e Superior (Paiets), que integra vários projetos de Educação Popular, entre eles, cursos pré-universitários e o próprio Enceja - este último realizado no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), no período de junho a agosto de 2023. O público atendido pelo projeto, na maioria mulheres, eram mães e pais dos alunos do Caic.

Ao longo desse período, ministrei aulas da disciplina de História, com alguns acréscimos de Sociologia. Para cada aula, foram trabalhados os seguintes temas: memória e identidade, idade média, escravidão indígena e negra, Brasil Império e Brasil República. Havia mais conteúdos a serem ministrados, porém, infelizmente, não houve tempo.

Ainda assim, foi elaborada uma apostila à parte com esses conteúdos e entregue aos estudantes. No demais, trabalhamos questões alternativas e dissertativas como forma de fixação de conteúdo e preparação para a prova do Enceja.

Como parte das dinâmicas de aulas, realizamos um Café Filosófico, que consiste em uma roda de conversa, acompanhado de um bom café e troca de ideias. O tema foi Escravidão Indígena e Negra e obteve-se um ótimo resultado, pois as alunas presentes interagiram muito bem a respeito do tema abordado.

É infinitamente gratificante toda essa experiência com o projeto, que só reforçou a grande importância da Educação Popular, que produz grandes frutos. Inclusive, o autor deste texto que, graças a um projeto como este, hoje está dentro de uma universidade pública e de qualidade, atuante em favor de uma educação para todos. E com a absoluta certeza que todos os alunos que integram o Paiets também ocuparão esse espaço.

A Importância da Conexão e da Identificação Dentro do Contexto do Pré-Enceja.

Quando pensamos em educação, mais especificamente em Educação Popular, logo pensamos em conexão, identificação, na busca de um determinado

espaço ou pessoa, algo que traga um sentimento de compreensão e de pertencimento. Esses sentimentos vêm de forma mútua, algo que os educandos sentem, porém, como educadora, sinto ainda mais.

No ano de 2023, dei início à minha jornada como educadora do Pré-Encceja, no Caic. Senti potência, desde o primeiro momento, ao conhecer os educandos, sendo, em sua maioria, mulheres, mães e periféricas. Aqui, se fez a primeira conexão, pois sou mulher, mãe e vim da zona oeste de Rio Grande, exatamente de onde essas mulheres vieram.

A cada aula, aprendemos algo novo, desde relevo, já que eu ministrava as aulas de geografia, até uma receita de bolo de fubá - receita que aprendi com uma educanda. Falávamos de nossos filhos, das nossas dificuldades de uma forma geral, mas, principalmente, das nossas dificuldades enquanto mulheres em uma sociedade machista. Falávamos de nossas mães, avós e tudo que passamos e passávamos nesta vida. Aos poucos, fui entendendo o meu papel naquele espaço, fui entendendo que, na maior parte do tempo, elas não me queriam ali como mediadora de conteúdos geográficos. Era muito maior que isso a solicitação da minha presença naquele espaço; elas me queriam ali como uma amiga, queriam a minha compreensão, o meu abraço; elas queriam comer o bolo que eu, às vezes, levava, elas queriam identificação, elas queriam conexão.

Aquele era um grande passo para elas, sair de suas casas, ouvir, muitas vezes, que estavam negligenciando suas famílias, que já estavam muito velhas para estudar, que lugar de mulher é cuidando de seu marido e filhos, que nunca entrariam em uma faculdade, dentre outras coisas horríveis. Mas o nosso papel, naquele espaço, é de incentivadores do saber. Nosso papel é mostrar o quanto elas já são maravilhosas e vencedoras pelo que são. Que o lugar das mulheres é onde quiserem e que, se for de suas vontades entrar para a universidade, faremos a nossa parte e mais um pouco para que ocupem esses espaços, que já são seus por direito.

Quanta potência têm esses espaços, esses projetos, essas vivências, essas mulheres, e quanto é importante que essas turmas continuem se formando e se fortalecendo ano após ano. É como diz Manuela D'Ávila (2019, p. 41), "Quanto mais próximas nós andarmos, mais alto ecoará o barulho de nossos passos." E que sempre tenham pessoas dispostas a experimentar e vivenciar esses momentos, e que sempre tenhamos forças e vontade de fazê-los acontecer.

Considerações finais

Acostuma-se fácil com as repetições rotineiras na educação, porém, quando se olha com mais carinho para as individualidades relacionadas à compreensão dos conteúdos por parte de cada ser humano envolvido no processo educacional, encontram-se infinitas possibilidades de transformar o educar, tornando o processo mais leve e interessante.

Tivemos um resultado positivo no Pré-Encceja, apesar das baixas ocorridas durante o período de aulas, fato que, infelizmente, é recorrente em projetos de Educação Popular. Muitos alunos manifestaram a vontade de continuar os estudos chegando à universidade. Não querem apenas um diploma do ensino médio ou fundamental, querem trabalhar com o conhecimento e somar suas contribuições para a Educação Popular.

Quando se soma ao ato de educar a sensibilidade de enxergar o outro como indivíduo detentor de saberes válidos e significativos, obtém-se um processo verdadeiramente transformador para todos os envolvidos.

Que a Educação Popular siga perpetuando amorosidade e novas oportunidades para os seres humanos. E, para encerrar, lembremos as palavras de Paulo freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Referências

CHRISTOFOLETTI, Elisabete. Educação Popular e Educação de Adultos. Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.revistapresenca.unir.br> Acesso em 03 set.,2023

D'AVILA, Manuela. Por que Lutamos? São Paulo: Editora Planeta do Brasil LTDA, 2019.

FREIRE, Paulo; Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PRÉ-UNIVERSITÁRIO FÊNIX: UMA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA PELA EDUCAÇÃO

Agda Antunes Balduino
Jéssica Leal Kirst
Juliana Martello
Fabiane Pereira Fonseca

Introdução

O Curso Pré-Universitário Popular Fênix é um projeto de extensão que nasceu em 2007, quando estudantes do curso de História, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) se organizaram para auxiliar pessoas a se prepararem para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Esse projeto está vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (Paiets) e conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) e da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Prae). Assim, ele tem como princípio a Educação Popular e é, por meio de suas práticas educativas, que o projeto visa ao acesso de pessoas em vulnerabilidade social ao ensino superior.

Desde 2009, suas atividades ocorrem nas dependências da FURG, no período noturno, com uma equipe de coordenação e com um grupo de cerca de 20 educadores e educadoras das mais diversas áreas e níveis de formação acadêmica. O Fênix se organiza em disciplinas do campo das linguagens, da matemática, das ciências humanas e das ciências da natureza, além de orientação vocacional e atualidades. Além das atividades convencionais, o projeto conta com a realização de eventos de cineclube, intercâmbio cultural, encontros interdisciplinares e simulados.

Os fins justificando os meios na Educação Popular e na vida

Ingressei, no Fênix, por vias não tão nobres, se considerarmos que ele é um contexto de Educação Popular. Assim, minha história de amor com o curso inicia em 2018, quando eu estava desesperada tentando juntar horas complementares para me formar. Então, passeando pelo Facebook, deparei-me com uma postagem que solicitava educadores de literatura, nem pensei duas vezes, entrei em contato com o coordenador e comecei a lecionar a disciplina. Lembro que fiz estágio no IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul - e na escola Agnela do Nascimento, no primeiro ano, da qual fiz parte.

Nesse viés, as preparações de aulas, a seleção de poemas e de contos justificavam, diariamente, minha paixão pela licenciatura, então, a escolha - acidental - pelo Fênix moldou minha prática, meu caráter enquanto educadora popular. E isso se estende à minha vida pessoal. Com os anos passando, fui convidada pela Anny para ser coordenadora, pessoa que sempre admirei por muitos motivos, mas um deles é pelo amor ao ato de educar.

Então, esse amor impulsionou-me a aceitar o convite, mesmo duvidando de minha capacidade, pois, como dizia meu pai, essa menina não tem filtro, parece a Emília do Sítio do Pica Pau Amarelo. No entanto, nesses anos todos, acumulei histórias e mais histórias e muitos amigos entre educandos e educadores. Aqui, conheci minha amiga Teka, criei meu segundo filho, descobri meu TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) – o que justifica a fala do meu genitor. Aprendi a usar agenda, a ouvir, a entender o motivo que leva um aluno a dormir na aula, ou o porquê faltou. Muitas vezes, era por questões econômicas ou por falta de alimentação.

Nesse íterim, durante esses cinco anos de curso, perdi meus pais. Tenho a plena convicção de que o Fênix foi preponderante para que, hoje, eu possa escrever este relato. Foi seu Rudinei que me apresentou o mundo dos livros; ele lia poesias enquanto eu ficava sentada aos seus pés. E tenho certeza de que dona Alice ensinou-me a ser uma mulher destemida e a nunca desistir. Logo, isso é o que vejo na Educação Popular: a arte de existir, de resistir, de insistir e de persistir.

Em 2018, também ingressei no ensino privado, trabalhando com uma professora de redação famosa e experiente. Eu não queria atuar nessa área, mas as contas precisam de pagamento, então, segui. E não é que me apaixonei por dar aula dessa disciplina. Sempre me disseram que literatura e linguística são opostas, mas

que ledo e belo engano, são complementares. Assim, em 2020, passei a lecionar Redação no Fênix, junto à amada Literatura; nesse ano, também, comecei a trabalhar em um curso particular voltado ao Enem, como corretora de textos dissertativos-argumentativos.

Em 2020, ocorreu a pandemia da covid-19. O curso migrou para on-line, assim, tivemos descobertas: fazer aulas pelo Canva, pelo PowerPoint, descobrir qual aplicativo – *Google Meet*, *Zoom*, *Skype* funciona melhor, ou seja, aprender a lecionar em um ambiente virtual, no qual não vemos os alunos. Nesse sentido, surgiu a dúvida: isso é Educação Popular? A resposta veio dos próprios educandos, pois eles queriam e precisam de aula. Tem aquele ditado do Maomé sobre fazer acontecer, mesmo em momentos incertos, então, prosseguimos, ou melhor, não paramos.

Tenho uma carga de trabalho imensa, sou mãe, esposa, amiga e não irei romantizar isso, mas, sempre que alguém me diz que preciso abandonar o Fênix, entendo que devo fazer o oposto, pois eu faço a diferença para aquela educanda que precisa levar a filha de bicicleta, pois não tem passagem nem com quem deixar a criança.

E nesse mesmo dia, um aluno saiu da aula mais cedo, liguei para ele preocupada, a resposta que recebo foi: senti vergonha de ser homem; e me pedira desculpa em nome de toda a classe masculina, mesmo sem ser culpado.

Em resumo, entrei no curso para poder pôr as mãos em meu diploma e assim o fiz, mas, depois de cinco anos, ainda estou aqui e percebi que o que fazemos hoje é que muda a nós mesmos e aqueles que nos cercam. Enfim, finalizo meu relato com a certeza de que tenho tanto a aprender quanto todos os alunos a quem tive o orgulho de conhecer, com um desejo de poder continuar fazendo isso. Posto isso, o educador Paulo Freire dizia que nosso discurso deve ser nossa prática, e esse lema me mantém. A autora Carolina de Jesus não se conformava com o mundo em que ela vivia e afirmava que iria mudá-lo. Já o modernista Ariano Suassuna postulou que é difícil vencer a injustiça secular, que dilacera o Brasil em dois países distintos: o dos privilegiados e o dos despossuídos. Conseqüentemente, se tantos pensadores da nossa linda arte literária afirmam isso, não serei eu a discordar, assim, sigo tentando fazer do meu discurso a minha didática, mudar meu contexto para melhor e mostrar que podemos, sim, tornar o mundo mais igualitário.

Educação Popular e o seu poder transformador

O ano era 2019, estava cursando o terceiro semestre de Filosofia, em uma faculdade privada e à distância; era o que eu podia fazer naquele momento, já que tinha me tornado mãe e não me sentia boa o suficiente para ingressar em uma universidade federal. O processo era solitário, não tendo com quem debater e, sem encontros presenciais, precisei me tornar autodidata. Foi então que, naquele mesmo ano, recebi um convite que mudou completamente o meu caminho acadêmico, o convite veio da coordenadora do Fênix na ocasião e da minha amiga próxima, Agda Balduino.

Ela sempre falava sobre o seu envolvimento com a Educação Popular, o que me despertava curiosidade e afeição, até que chegou a minha vez de experienciar. O convite era para assumir as aulas de Filosofia em uma segunda turma que seria ofertada naquele ano. Eu nem titubeei, queria muito ter essa experiência, e mal sabia o quanto ela seria transformadora.

A cada aula, eu aprendia algo novo, finalmente conseguia discutir Filosofia com alguém, me reconhecia no processo; ganhei novos amigos, vivenciei tantas coisas inimagináveis, conheci e me reconheci em tantas histórias.

Fui me sentindo cada dia mais uma educadora e, mesmo com todas as adversidades, com a maternidade e a pandemia que nos assolou em 2020, me mantive educadora. Tenho certeza de que sou uma educadora muito melhor, tendo vivenciado o Fênix durante a minha graduação, do que se não tivesse tido essa oportunidade. Já formada, continuei minha jornada no curso, motivada por coisas tão importantes quanto o meu processo de formação acadêmica. Hoje, atuando como educadora popular e como coordenadora do curso, vivencio o processo como um ato de resistência.

Estou constantemente revisando a minha forma de educar, buscando ferramentas que tornem os processos mais interessantes, mais exultantes; com isso, no ano de 2020, mesmo de forma on-line, criei o “CineFênix”, o cineclube da Educação Popular. Nesses encontros, discutimos diversos temas a partir da experiência artística e crítica dos filmes. Acerca dos cinemas nas escolas, podemos refletir sobre sua dimensão no artigo intitulado “A importância do cinema por meio do cineclube na escola”, que diz:

O cinema possui uma dimensão político-pedagógica, que se define como uma função de nortear os indivíduos a atuarem de forma crítica e consciente

de seu papel enquanto integrantes de uma sociedade” (Klammer; Fortunato; Melo, 2015, p. 7491).

O cineclube como uma ferramenta pedagógica tem um grande potencial educacional, que caminha para além da conciliação dos filmes com temas filosóficos. As sessões cineclubistas proporcionam uma experiência artística e intimista para os espectadores, ou mesmo inédita para uma parcela destes, já que muitos educandos que fazem parte do contexto popular não possuem televisores, computadores, internet e possibilidade de acesso a uma sessão de cinema convencional.

Sobre a Educação Popular e a desigualdade educacional e social, Brandão (2017) nos fala que:

Mundos sociais onde o ofício de pronunciar a palavra necessária distancia-se do consenso; do pensá-la em comum como poesia e pensamento da vida coletiva sem a desigualdade, e da experiência da solidariedade através das diferenças. Aprisionada por um poder separado da vida, a palavra sem o consenso torna-se a fala necessária para a sociedade e, por isso, é imposta e dada como legítima para realizar os atos do controle da vida social dominada pela desigualdade. (Brandão, 2017, n.p)

Educo para que mais e mais pessoas tenham acesso à educação, a uma vida digna. Educo para que esses indivíduos ocupem os seus espaços de direito, educo por uma sociedade mais digna, mais justa e não excludente. Isso é Educação Popular para mim, um ato de resistência e de amor.

Concordo com as palavras de Merleau-Ponty, quando ele nos fala que: "A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo." (Merleau-Ponty, 1999, p. 19). É nessa filosofia que acredito, naquela que transforma o nosso olhar, que nos transforma e que nos ajuda a transformar outros sujeitos também.

A arte educação no contexto pré-universitário popular

Minha trajetória como arte educadora teve início no PET/FURG (Programa de Educação Tutorial), programa vinculado ao Paiets, no qual ingressei quando eu ainda estava no bacharelado em Artes Visuais e a partir do qual tive contato com alguns contextos pré-universitários. Mas foi, no Fênix, já dentro da sala de aula, que decidi ingressar na licenciatura e abraçar a arte educação. Foi uma escolha na busca pela coerência entre prática e discurso, uma vez que eu estava em um espaço de ensino e queria estar bem preparada, para defender um campo do saber

que, dentro de um sistema rígido de educação, não é preconizado. O Fênix era um dos poucos contextos que tinha a disciplina de Artes.

Esse espaço - que considero uma escola para todos os/as educadores/as, por nos ensinar diariamente - nos proporcionava, constantemente, momentos de diálogo - fundamental em um grupo amplo, com formações e com leituras de mundo diversas -, construções e desconstruções acerca do que seria um/a educador/a popular, que tipo de educação queríamos construir ali, o que nos unia ou nos identificava como um grupo e como poderíamos construir em conjunto com os/as educandos/as.

O que mais me encanta é o fato de termos criado um espaço de debates, não só entre coordenação e educadores/as, mas também nas aulas, com discussões fundamentais que ultrapassavam os conteúdos dos vestibulares. O intuito não era apenas passar em uma prova, mas, sim, de alguma forma, trazer discussões que nos permeavam - e que eu, particularmente, trazia como eixos temáticos em Artes - como culturas, desigualdades, resistências, violências, questões raciais e de gênero.

Com isso, pude perceber a Educação Popular como uma experiência afetuosa com o/a educando/a, mais empática e plural, ainda que seja fora dos padrões, mas uma conexão real, humana e emancipadora, que instiga o pensamento crítico - fosse em uma aula com dinâmicas, filmes, rodas de conversas com chás e ambientação, ou em alguma celebração especial, como a festa junina, a aula inaugural ou os apadrinhamentos. A Educação Popular é compreender, no outro, um elemento fundamental na construção dos saberes e relações, com suas bagagens, opiniões e especificidades.

Desde que entrei no projeto em 2016, passando pela coordenação e pela sala de aula, conheci pessoas maravilhosas, tendo a oportunidade de dividir sala com outros(as) educadores(as) de Artes e de outras disciplinas, como Filosofia, Literatura, História e até dança, com convidados externos. Estar em um espaço colaborativo como esse era muito desafiador, pois a independência do contexto - característica que sempre existiu - nos permitia uma liberdade de organização e de um processo educativo, mas também uma responsabilidade grande para mantê-lo ativo, evitar a evasão e lutar pela sua permanência na universidade, especialmente em tempos de crise. O Fênix tem uma trajetória importante, não só por acolher os bairros ao redor da universidade, mas também por estar aberto a todos/as/es.

Um dos maiores aprendizados é de que não há maneira pronta, perfeita, sem

erros ou imutável. As nossas práticas vão se construindo com o tempo, são repensadas individual e coletivamente; as identidades vão se constituindo e sendo reanalisadas e transformadas, num ciclo e em constantes acordos coletivos. Durante meu percurso no Fênix, pude sentir esses acordos se renovando a todo momento, com o esforço e com o comprometimento de cada educador/a e educando/a, com o objetivo de, dentro de nossas limitações, tentar sempre o melhor com o que tínhamos e com o que acreditávamos e defendíamos.

Nesse processo de formação como arte educadora, percebi que, apesar de essencial, somente a licenciatura não me possibilitaria ter vivenciado tão profundamente o ensino de Artes e seus desafios, e a luta pela educação e seu acesso, como foi vivenciar, na prática, com o Fênix, PET/Paiets, seja presencialmente ou à distância. Sinto-me grata por todas as experiências, as aprendizagens e as trocas que ocorreram ao longo do caminho, muito importantes para minha vida acadêmica (como as vivências com a EJA e a educação não formal) e pessoal, pois, por intermédio das Artes e da Educação Popular, fui me reinventando e afinando meu olhar, com um filtro mais humano e questionador.

O Fênix como contexto de formação de educadores populares

Minhas primeiras experiências, em sala de aula, foram nos anos de 2014 e 2015, quando cursava licenciatura em História. Realizei os estágios de observação e prática pedagógica em uma escola pública, que atendia a quase mil alunos, de subúrbios e periferias da cidade.

Na época, os educadores estavam em processo de greve, com alguns profissionais ausentes e outros assumindo as disciplinas, para que os educandos(as) tivessem o mínimo de defasagem nos conteúdos. O contexto de sucateamento da escola e do trabalho docente figurava em atraso nos planos pedagógicos e em sobrecarga de trabalho nos educadores. Assim, o professor responsável por acompanhar meu estágio me designava a acompanhar uma das turmas em suas atividades, enquanto ele se fazia presente em outras. Em resumo, as experiências foram vazias de diálogo, eu não tinha direcionamento sobre a relação com os educandos, que me tinham como visitante, não respondiam a minhas questões sobre as aulas e os conteúdos, desviando para perguntas pessoais e para curiosidades sobre meu trabalho.

Da mesma forma, os diálogos com os educadores rapidamente se tornavam

momentos de desabafo, de relatos sobre as profundas e estruturais dificuldades que a educação pública enfrenta, principalmente em contextos de atendimento às camadas sociais mais vulneráveis. Apenas dois anos após sair do ensino médio, aquelas experiências desestimularam e frustraram minhas expectativas sobre “dar aula”; desisti da licenciatura e, no ano seguinte, ingressei no bacharelado de História da FURG, dando continuidade à formação no mestrado em Educação Ambiental (2020 a 2023), discutindo educação indígena, escolarização de populações do campo, diversidades e problemáticas da/na construção e legitimação de saberes. Ao longo de toda pesquisa, fui atravessada por diferentes perspectivas e relações com instituições convencionais de ensino; também precisei abordar as infâncias indígenas para compreender a complexidade do encontro entre a educação escolarizada e as noções educativas tradicionais (Ingold; Kurttila, 2018) dos Guaranis.

Em suma, passei a compreender Educação como um processo de comunicação, de atenção e de diálogo, no qual os atos de ensinar e de aprender não permitem divisões, em que a verdadeira aprendizagem só acontece quando nos dispomos a aprender e a ouvir o Outro. Foi a partir dessas reflexões que vi, no Ciclo de Formação de Educadores Populares (Paiets), a oportunidade de me conectar novamente com as salas de aula, de forma realista, problematizada e verdadeiramente construtiva. Essa expectativa também teve imensa contribuição de amigos e de colegas que atuaram e/ou atuam não só no Fênix, mas também em diversos contextos educativos, sempre relatando a potência de transformação que esses espaços têm, as experiências de socialização e as conquistas cotidianas que a Educação Popular proporciona.

Assim, o Ciclo de Formação, realizado ao longo de maio de 2023, me pareceu o espaço em que a paixão pela Educação Popular seria apresentada de forma prática, crítica e coletiva. E assim foi, fui acolhida logo nos primeiros momentos, apresentada a educadores e a coordenadores do Programa; perguntaram-me sobre minha trajetória, minhas expectativas, minha pesquisa; fui ouvida como poucas vezes havia sido, até então, no espaço acadêmico. Ouvi relatos sobre dificuldades encontradas nas salas de aula, desafios institucionais e sociais que atravessam a realidade de cada curso e possibilidades de lidar e de encarar as problemáticas. Em algumas semanas, eu já estava elaborando conteúdos, materiais e propostas de aulas conjuntas. Topar esses desafios só foi uma possibilidade graças ao

encorajamento, ao trabalho coletivo e ao acolhimento que os educadores e coordenadores tiveram comigo. Essa foi uma das maiores descobertas desse processo: a potência transformadora que a atuação dessas pessoas onde trabalho tem. Docência e militância não se apartam.

As estruturas da educação convencional e institucionalizada são tratadas por esses educadores como instrumentos de sua atuação, não como definições ou fronteiras; essa instrumentalização do espaço universitário conflui com a perspectiva de apropriação da escola por parte de povos indígenas, que engajam, em formações escolares e acadêmicas, possibilidade de retomar espaços e representações que lhes foram tomados ao longo da formação da sociedade em que vivemos - assim como é para o público alvo do Paiets.

Dessa forma, com a constante ajuda dos colegas, pude conviver com as frustrações e com as realizações de cada aula, em que os aspectos práticos guardam uma imensa dedicação desses profissionais. Dedicação que tem como pilares a paixão pela docência, a gana pela transformação, a atenção (Ingold, 2010) aos educandos/as e a disposição de contornar fronteiras para que os jovens e os adultos que preenchem as salas do Fênix também ocupem seus lugares e suas representações na sociedade. Todo esse trabalho, em seus aspectos práticos e filosóficos, molda a Educação Popular que presenciei, com grande alegria, ao longo do ano.

Considerações Finais

Muitas histórias e vivências se cruzam durante as práticas educacionais. As salas de aula de um pré-universitário popular também são espaços de resistência, de crítica social e de muita luta. Luta por uma formação de qualidade, por um espaço físico decente para acomodar os educandos, luta por igualdade social, salarial, moral, existencial. Luta por uma simples vaga na universidade, direito esse constitucional.

Nada mais natural do que os colocar para refletir acerca de suas posições na sociedade, em que haja um reconhecimento interno, individual e coletivo. Para que eles se reconheçam enquanto seres sociais e individuais e que tenham oportunidades, no mínimo, dignas de aprendizagem, a educação vem com o papel de oportunizar, seja pela arte, filosofia, exatas, humanas, natureza, seja pelas linguagens, o diálogo, as descobertas. Esse é o nosso papel dentro de um contexto

popular: democratizar a experiência educacional e social é tudo que um pré-universitário popular pode oferecer para esses estudantes.

É como nos disse Paulo Freire: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE; 1996, p. 53)

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre educação. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Tim; KURTTILA, Terhi. Percebendo o ambiente na Lapônia finlandesa. Campos-Revista de Antropologia, v. 19, n. 1, p. 169-182, 2018.

KLAMMER, Celso; FORTUNATO, Jaqueline; MELO, Rodrigo. A Importância do Cinema por Meio do Cineclube na Escola. In: Congresso Nacional de Educação, 12, 2015, Curitiba. Anais. Curitiba. ISSN 2176-1396. p. 7491-7506.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

UMA REVISÃO DA HISTÓRIA E ANÁLISE DO PERFIL DE EDUCANDOS E EDUCANDAS NO CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR, PAIDEIA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS

Carolina Colalillo Navajas

"Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros"
(Bell Hooks)

Introdução

O objetivo deste capítulo é o registro e divulgação do histórico recente de participantes da comunidade rio-grandina no projeto de extensão universitária do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (Paiets). Atualmente, a extensão passa a ser pilar essencial na formação acadêmica dos discentes e na função da instituição universitária como agente transformador da região em que está instalada. Não obstante, dois dos maiores desafios da extensão universitária são a longevidade e a organicidade da manutenção das atividades. Tais obstáculos vêm se mostrando superáveis nas atividades de auxílio ao ingresso no ensino superior, pautadas na Educação Popular. Para tal afirmação, faremos uma retrospectiva do perfil de educandos e educandas que participaram do processo seletivo do Curso Pré-Universitário Popular Paideia, desde 2020 até 2023.

A história do Paideia se desenha como um testemunho da resiliência, da adaptação e do compromisso inabalável com a Educação Popular em meio a desafios sociais e educacionais. Desde suas origens, como resposta às demandas dos movimentos populares até seu papel crucial durante a pandemia do Covid-19, o

Paideia se estabeleceu como um ponto de resistência e transformação na cidade do Rio Grande.

Os textos que delineiam a trajetória do curso, ao longo dos anos, refletem não apenas a evolução do curso, mas também a diversidade e a complexidade do perfil dos educandos (as). Ao examinar as mudanças nos processos seletivos, nos perfis socioeconômicos e nas adaptações ao ensino remoto, emerge um panorama multifacetado do impacto desse projeto na comunidade. A análise detalhada dos anos específicos revela não apenas uma mudança nas informações coletadas nos formulários de seleção, mas também uma verdadeira metamorfose na composição dos educandos(as), refletindo não somente diferentes idades, gêneros e situações socioeconômicas, mas também a amplitude do impacto do Paideia na comunidade.

Nesse contexto, as reflexões sobre a importância do acesso à internet, as experiências diversificadas dos educandos(as) e a resiliência dos educadores surgem como elementos fundamentais para compreender o papel crucial do Paideia na promoção da educação inclusiva e na luta contra a desigualdade.

Diante desses avanços e desafios, este documento não apenas registra a evolução do curso, mas também destaca questões prementes para o futuro do Paideia. A continuidade do acompanhamento dos ex-educandos(as), a análise da eficácia do ensino remoto em diferentes contextos e o planejamento de estratégias inclusivas representam pilares essenciais para consolidar a missão do curso na promoção de uma educação igualitária e transformadora.

Assim, este trabalho não apenas revisa a história do contexto, mas também propõe um olhar direcionado para o futuro, mantendo acesa a chama da Educação Popular como agente de mudança e inclusão social na cidade do Rio Grande.

Revisando nossa história: a origem

Com a forte influência neoliberal que se instaura no País na década de 90, os movimentos sociais populares reivindicavam a ocupação de espaços negligenciados às camadas populares, resistindo à lógica que reforçava conceitos como “qualidade e excelência”, “produtividade” e “sucesso”, vinculados a um ideal meritocrático e opressor. Nesse contexto, em 2000, organizou-se, na comunidade rio-grandina, um projeto, na universidade, que resultou na criação de cursos pré-universitários populares na cidade do Rio Grande, como o "Sem Limites", localizado no centro da cidade.

No Câmpus Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande, na ala acadêmica do Hospital Universitário/HU-FURG, resiste, até hoje, esse Curso Pré-Universitário popular. O contexto enfrentou desafios em sua manutenção no decorrer da pandemia da covid-19, em 2020, mas a sua história começa muito antes. Inicialmente, o curso foi fundado como Sem Limites, permeado em um contexto de reivindicações dos movimentos populares, com enfoque na ocupação de espaços negligenciados a essa população (Pereira, 2020). Em 2002, passou a ser chamado de Utopia, o projeto, primeiramente exclusivo dos estudantes vinculados ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) da FURG (Cougo, 2005), culminando na experiência que deu origem ao PAIETS em 2006. O programa buscou articular diversas iniciativas e fortalecer a luta pelo ingresso na universidade, mantendo a autonomia de cada curso que funcionava em parceria com a comunidade.

A criação do Utopia, posteriormente rebatizado como Paideia, em 2006, não foi impulsionada apenas pelos preceitos acadêmicos, mas pela urgência em reverter a desigualdade social. Nasceu do sentimento de um grupo de estudantes da FURG, que, ao formar o coletivo "Resistência e Luta: O Caminho da Construção" em 2002, delineou ideias voltadas para uma aproximação entre a universidade pública e a sociedade civil. Nesse contexto, o "Utopia-Paideia" emergiu como uma proposta de extensão, proporcionando discussões amplas sobre suas consequências diretas na realidade social da cidade de Rio Grande.

O enfrentamento da pandemia e a importância da resistência

O Paideia, integrante do Paiets da FURG, não foi apenas um desdobramento acadêmico, mas uma resposta urgente à necessidade de combater a desigualdade social. Sua origem remonta à formação do coletivo "Resistência e Luta: o Caminho da Construção", em 2002, quando estudantes da universidade se uniram em busca de uma maior aproximação entre a universidade pública e a sociedade civil.

A localização estratégica do Paideia, no Câmpus Saúde da FURG, na ala acadêmica do Hospital Universitário/HU-FURG, desempenha um papel fundamental em sua dinâmica. Predominantemente composto por estudantes do curso de Medicina da FURG, os educadores mantêm uma conexão vital com o espaço físico e exercem influência essencial na manutenção do curso. A diversidade no corpo de educandos e educandas, abrangendo diferentes idades, gêneros, incluindo trabalhadores, reflete a amplitude do impacto do Paideia na comunidade.

Em 2018, uma recomposição do grupo de coordenação trouxe novos desafios e, após dois anos de transição, o Paideia enfrentou o ensino remoto em 2020 e 2021, resultado do isolamento social decorrente da pandemia do covid-19. Os desafios desse período foram documentados no relato de experiência “Paideia, contexto de Educação Popular: pandemia e a importância da resistência” (Navajas, 2022), apresentado na mostra universitária da FURG de 2022. Esse relato nos auxiliará a contextualizar a análise do perfil dos educandos (as), por meio dos formulários dos processos seletivos de 2020, 2021, 2022 e 2023, proporcionando insights sobre o provável impacto da pandemia no acesso da população rio-grandina ao Curso Pré-Universitário.

O relato de 2022 destaca o papel crucial do Paideia no Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes Populares e Acadêmicos, sublinhando a importância da produção acadêmica na sustentação do Paiets. (Gonçalves, 2012). Esse documento compartilha a experiência de enfrentar os desafios da manutenção do espaço de Educação Popular durante e após os protocolos de distanciamento social da pandemia pela covid-19. Além disso, ressalta a importância dos encontros de formação em Educação Popular, discute os desafios e a relevância da adesão dos educandos ao contexto de Educação Popular e questiona se há parâmetros passíveis de avaliar o sucesso do Paideia nos últimos anos, frente a tantos desafios.

Os encontros regulares entre educadores e educandos, inicialmente realizados na sala 207 da área acadêmica do Hospital Universitário, eram vitais para a construção de um ambiente de aprendizado confortável. Com processos seletivos contando com mais de 100 inscritos, os primeiros meses de aulas frequentemente reuniam cerca de 60 educandos, mas, nas proximidades do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), enfrentava-se a evasão. Em 2020, o distanciamento social impôs uma nova realidade ao Paideia, forçando o curso a se adaptar ao ensino remoto. O acesso à internet tornou-se um desafio, mas o Paideia reagiu, criando um canal no YouTube e intensificando a formação dos educadores em Educação Popular por meio de leitura e discussão de textos.

A persistência durante o isolamento social foi notável, com os educadores reunindo-se remotamente para leitura de obras de Paulo Freire, Bell Hooks e outras referências da educação. Apesar das atividades remotas e, em sua maioria, assíncronas, o Paideia manteve-se ativo, revelando a resiliência do curso e a

importância da Educação Popular. Uma das atividades relevantes foram as rodas de conversa síncronas que, no contexto da Educação Popular Paideia, buscaram fortalecer o diálogo, proporcionando um espaço de escuta livre de amarras acadêmicas. Além disso, tornaram-se momentos lúdicos e metodicamente rigorosos, abordando temas essenciais à experiência social, como cidadania, democracia e direitos humanos (Saccaro, 2020).

Em 2021, as atividades mantiveram-se on-line, realizando o primeiro processo seletivo de educadores totalmente virtual. Apesar dos desafios do ensino remoto, observou-se um engajamento notável dos educandos nas aulas síncronas. Em 2022, com o afrouxamento dos protocolos de distanciamento social, o Paideia abriu inscrições, divulgando-as por meio de diferentes canais, incluindo Instagram, Facebook e panfletos nos arredores do HU-FURG. O processo seletivo contou com 26 inscritos, muitos dos quais souberam da abertura das inscrições por recomendação ou indicação de ex-educandos (as) e familiares. As entrevistas destacaram a credibilidade e a importância do Paideia, demonstrando a utilidade percebida por aqueles que já frequentaram o curso.

As aulas presenciais iniciaram-se em maio de 2022, marcando o primeiro encontro de educadores e educandos na sala 207, após dois anos de afastamento pelo isolamento social. E nesse ano, o corpo do Paideia foi composto por 17 educadores e 16 educandos(as).

Observou-se que, mesmo após dois anos de atividades virtuais, as recomendações de ex-educandos(as) foram cruciais para atrair novos participantes às inscrições presenciais de 2022. Essas recomendações derivam de experiências, debates vivenciados e aprovações no Enem, inspirando a crença na possibilidade de conquista. O poder simbólico das palavras, conforme Bourdieu (2001), está nas mãos dos educandos, que detêm o poder de divulgar e manter o Paideia na comunidade rio-grandina.

A persistência dos educadores durante o isolamento social, reunindo-se remotamente para leitura e discussão de obras, e a realização de debates e planejamentos foram fundamentais para manter viva a chama do Paideia. As reflexões sobre a transição entre o "normal", a pandemia e o "novo normal" destacam a importância da resistência desse contexto de Educação Popular para além dos números de aprovações no Enem. O retorno às atividades presenciais, em 2022, com a recepção de novos educandos recomendados por ex-participantes, é

um testemunho da persistência e relevância contínua do Paideia no cenário rio-grandino.

Essas experiências e reflexões continuam a moldar a abordagem do grupo que discute Educação Popular, preparando-se para receber novos educandos no retorno às atividades presenciais. A análise retrospectiva do perfil de educandos dos processos seletivos de 2020 a 2023 fornecerá insights cruciais sobre o impacto da pandemia no acesso à educação pré-universitária na população rio-grandina.

Vivenciar a transição entre o "normal", a pandemia e o "novo normal" ratifica a importância da resistência de um contexto de Educação Popular como o Paideia, para além dos números aprovados no Enem. Como um projeto de extensão que conecta saberes populares com universitários, visando à emancipação de sujeitos, receber novos educandos presencialmente, por recomendação de ex-educandos, mesmo depois de dois anos sem o espaço físico de resistência, significa que persistimos e existimos no subjetivo rio-grandino, em que essa persistência demandou e continua demandando produção acadêmica, Educação Popular e esperança.

Análise do perfil dos educandos e educandas entre 2020-2023

Contextualização das metodologias

A partir de 2020, os processos seletivos passaram a conter um formulário de inscrição on-line. Isso aconteceu porque passávamos por um período de adaptação diante da necessidade do isolamento social da pandemia do covid-19. Assim, será possível analisar as informações coletadas via formulários do Google, para definir o perfil e a mudança deste, no decorrer dos 4 anos. Nesse primeiro momento, analisaremos as características de quem ingressou no Curso Pré-Universitário, deixando para estudos futuros o seguimento das atividades desses ex-educandos(as) ao egressarem no Paideia.

É importante ressaltar que o processo seletivo no Paideia se faz necessário devido ao limite de ocupação de seu espaço físico. Nesse processo, avalia-se perfil socioeconômico, disponibilidade e mobilidade urbana do(a) entrevistado(a). A partir desses dados, elenca-se uma lista de prioridades diante da lotação da sala de aula. Com o ensino remoto, a falta de acesso à internet passou a ser um fator de exclusão. Desse modo, em 2020, o primeiro formulário on-line utilizado teve o intuito de mapear e qualificar a acessibilidade à internet dos (as) educandos (as) já selecionados(as).

Em 2020, o formulário a ser analisado foi utilizado para mapeamento do acesso à internet dos educandos(as) já pertencentes ao curso. Para análise socioeconômica e de acessibilidade virtual, vamos analisar as seguintes perguntas do formulário: Você participa da renda da sua família? Você é a fonte de renda principal da família? Qual a renda mensal por pessoa na sua família? (SM: Salário Mínimo, equivalente ao valor de R\$ 998,00.) Você tem acesso à internet? Possui dispositivo (computador, celular etc) que tenha acesso estável à internet? Está trabalhando durante a quarentena? A profissão é realizada fora de casa? Possui disponibilidade de acompanhar vídeos ao vivo ("lives")? Possui algum problema em receber o material enviado pelas (os) educadoras(es)? Como prefere as aulas à distância? Como estão sendo os estudos neste período de quarentena? Se respondeu que possui dificuldades nos estudos, comente abaixo quais seriam.

Já nos seguintes anos, os formulários serviram, exclusivamente, para a seleção dos(as) educandos(as). Em 2021, 2022 e 2022, foram coletadas as informações de situação ocupacional, nível de escolaridade. Em 2021 e 2022, foi realizada a seguinte pergunta: Você se autodeclara dentro de algum grupo de ações afirmativas (comunidades quilombolas, indígenas, outros)? É proveniente da cidade de Rio Grande? E não foram coletadas informações de gênero via formulário. No entanto, em 2022, aborda-se a questão de gênero através do formulário, mas a categoria de ações afirmativas ficou reservada para a entrevista oral.

Desse modo, optamos por avaliar, ano a ano, as principais características delimitadas, com o intuito de se caracterizar o perfil de educandos(as) em cada ano. A partir desses resultados, serão reveladas reflexões sobre o passado e considerações para perspectivas futuras.

Perfil de educandos(as) em 2020

Neste ano, 24 pessoas responderam ao formulário enviado via Whatsapp, conforme o contato coletado no processo seletivo realizado presencialmente no início do ano de 2020, antes da necessidade de isolamento social decorrente da pandemia da covid-19. Como tradicionalmente, todas as informações ficaram registradas em material físico, pelo qual ainda não se buscou ou não se arquivou. Não obstante, tem-se registrado a presença dos(as) educandos(as) no último encontro presencial de 2020. De uma lista de 70 pessoas que compareceram ao processo seletivo de 2020, 47 estiveram presentes nesse dia, como ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Último encontro presencial de 2020 com educandos/as na sala 207, da área acadêmica do HU-FURG, no dia 09 de março de 2020.



Fonte: acervo pessoal.

O formulário foi respondido entre as datas 19 de abril e 09 de julho de 2020. Isso, pois, foi aplicado mais de uma vez na mesma turma, a fim de visualizar o acompanhamento e as dificuldades dos(as) educandos(as) no novo cenário virtual. Obtendo-se, então, 34 respostas ao total, considerando que 10 pessoas voltaram a responder ao formulário em julho. Todas as 24 pessoas que responderam ao formulário em abril estavam presentes no processo seletivo e no último encontro.

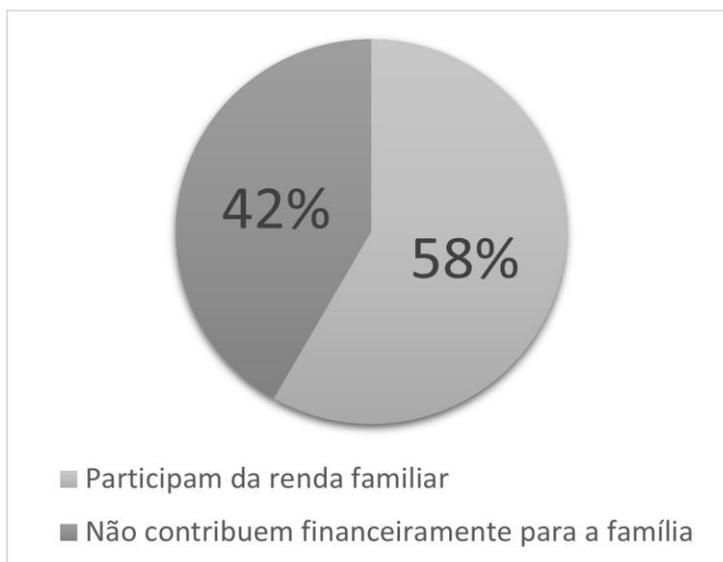
Sendo esse o primeiro formulário on-line a ser aplicado no Paideia, considera-se que o acesso à internet ou a disponibilidade para o curso on-line já é melhor para aqueles que responderam a ele. Isso se confirma quando todos os entrevistados afirmaram ter acesso à internet e a um dispositivo estável para utilizá-la. E relatam que o WhatsApp é a principal ferramenta usada para se informar sobre o Paideia.

Nesse ano, não incluímos perguntas sobre gênero. No entanto, partindo dos nomes preenchidos pelos(as) educandos(as), 14 deles têm seus nomes tradicionalmente associados a mulheres – o que caracteriza a turma majoritariamente como feminina, fato que nos impulsiona sempre a destacar a variação de gênero ao nos referirmos aos/às educandos(as). Além disso, não é possível analisar o perfil de idade nem o racial, fatores registrados apenas no momento das entrevistas presenciais, anteriores a esse formulário.

Dos entrevistados, no primeiro momento, que responderam, 58,3%

participavam da renda familiar, enquanto 41,7% afirmaram não contribuir financeiramente para a família, como representado na Figura 2. Ou seja, a maioria dos entrevistados participava como fonte principal de renda da família. E a renda familiar, em sua maioria, estava entre 1 e 2 salários mínimos, como representado na Figura 3.

Figura 2 – Participação na renda familiar em 2020.



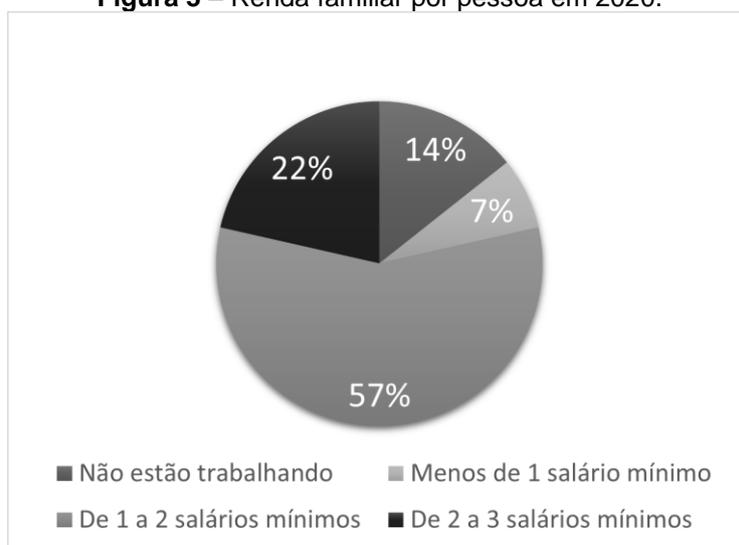
Fonte: análise de respostas do formulário Google aplicado virtualmente em 2020.

Seguindo a análise para o perfil de acessibilidade aos estudos de maneira remota, no primeiro momento, o grupo se mostrou presente. Isso porque apresentaram, majoritariamente disponibilidade de acompanhar aulas ao vivo e de acessar a plataforma do *Google Classroom*. No segundo momento do formulário, houve ajustes em alguns horários de estudo e trabalho, como a mudança para "12 horas diurnas" para uma pessoa, e a adaptação para "Tarde" em outra resposta. Algumas pessoas expressaram dificuldades adicionais, como o acesso limitado à internet, afetando a participação nas aulas.

Ao final do ano, com menos da metade dos(as) educandos(as) respondendo pela segunda vez o formulário, registramos a evasão no contexto virtual. Indivíduos indicaram a interrupção dos estudos, enquanto outros manifestaram o desejo de retomar o foco nas atividades acadêmicas. Por fim, a percepção sobre a eficácia do aprendizado à distância também foi mencionada. A maioria dos entrevistados está estudando com dificuldades, destacando problemas como falta de foco, dificuldades

em estudar sozinho, dificuldades em entender o conteúdo e a preferência por aulas presenciais devido a uma maior facilidade de compreensão.

Figura 3 – Renda familiar por pessoa em 2020.



Fonte: análise de respostas do formulário Google aplicado virtualmente em 2020.

Perfil de educandos(as) em 2021

Neste segundo ano de contexto remoto, o processo seletivo contou com inscrição on-line, divulgado de maneira virtual e aplicado durante o intervalo de 9 a 15 de junho de 2021. Desse modo, os indivíduos que participaram do processo já tinham, de alguma maneira, um bom acesso à internet. Apenas 20 pessoas responderam ao formulário de inscrição, e as respostas incluíam o desejo de experiências novas, apoio social, preparação para vestibulares, estudo para ingressar em cursos específicos, volta aos estudos após um período fora da escola e, por fim, a paixão pela docência.

Ao analisar quantitativamente as respostas sobre o status de trabalho, verifica-se que apenas 28,57% dos participantes afirmaram estar trabalhando. Essa constatação revela uma diversidade de situações ocupacionais entre os entrevistados. A maioria declara não estar trabalhando no momento, sendo que alguns fornecem horários específicos ou detalhes sobre a natureza do trabalho, como o período como pesquisadora ou bolsista.

Também não foram caracterizadas, no formulário, as questões de gênero, mas pudemos inferir a porcentagem de mulheres seguindo o mesmo processo feito ao analisar os indivíduos de 2020. Desse modo, 14 possuíam nomes tradicionalmente atribuídos a mulheres. Portanto, mais uma vez, o grupo se mostrou predominantemente feminino.

Em relação à faixa etária, não foram todos que responderam, entretanto, a partir do que se obteve de resposta, é possível descrever que, considerando o número total de pessoas na lista (21), a porcentagem de pessoas com idades entre 17 e 23 anos seria, aproximadamente, 42,8% e, a partir dos 29 anos, apenas 10%.

Na categorização de autodeclaração em grupos de ações afirmativas, a maioria dos participantes não se autodeclarou como comunidades quilombolas ou indígenas. E apenas uma integrante respondeu “Sim”, mas não especificou seu grupo. Apesar disso, os(as) educandos(as) afirmaram, predominantemente, serem provenientes da cidade de Rio Grande.

Perfil de educandos(as) em 2022

A partir de 2022, o formulário incorporou mais perguntas, a fim de aprimorar a descrição dos(as) educandos(as). Foi o primeiro formulário on-line aplicado com o fim de selecionar uma nova turma presencial. Ao total, foram 27 pessoas que responderam a esse formulário, aplicado do dia 17 ao 27 de maio de 2022. E no primeiro dia de aula, no retorno à sala 207, como ilustrado na Figura 4, compareceram 18 educandos(as). Esses estavam devidamente vacinados e paramentados com máscara cirúrgica, diante das necessidades de vigilância no processo de ressocialização pós-pandemia.

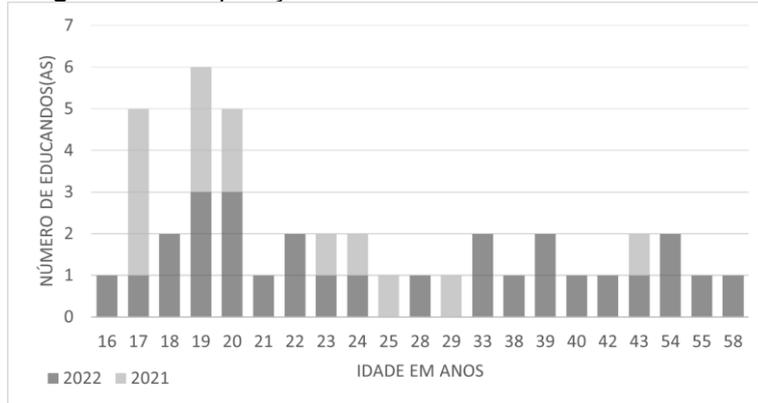
Figura 4 – Dia 30 de maio de 2022, primeiro encontro de educadores em pés, ao fundo, da esquerda para direita: Diolayne da Silva, Luiz Felipe Neves, Mauro Lourenço da Rocha, Marcus Vinicius Teixeira, Leonardo da Hora, Gabriel Oliveira, Giulia Piamolini, Leonardo Cadore, Vitória Pereira, Bruna Cavalcanti, Guilherme Saccaro e Guilherme Saccaro. Educandos(as) sentados(as) nas carteiras, da sala 207, da área acadêmica do HU-FURG, depois de 2 anos de isolamento social.



Fonte: acervo pessoal.

Em relação à faixa etária, diferentemente dos anos anteriores, colocamos uma pergunta específica para isso, assim, conseguimos delinear o perfil daqueles que responderam ao formulário. Houve uma presença significativa de pessoas com idades entre 16 e 24 anos, representando, aproximadamente, 37%, mas a maioria era maior de 28 anos. Dessa maioria, 41,18% tinha mais de 40 anos, o que mostra uma mudança significativa em relação aos anos anteriores, a qual ilustramos na Figura 5.

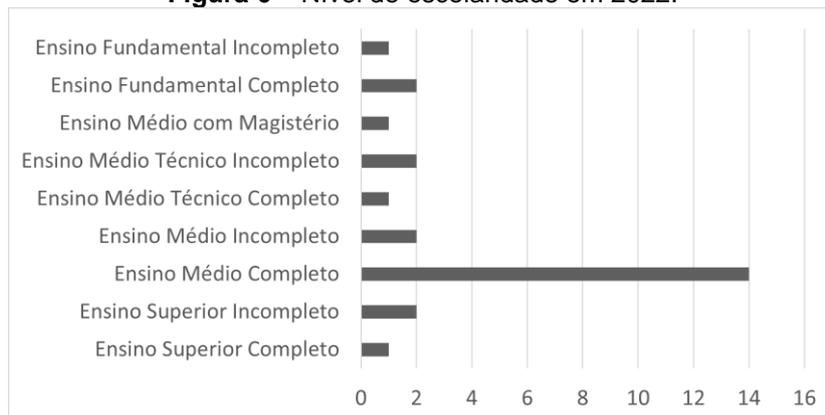
Figura 5 – Comparação de faixas etárias entre 2022 e 2021.



Fonte: análise de respostas do formulário Google aplicado virtualmente em 2022.

Excepcionalmente, nesse ano, foi possível registrar, oficialmente, a primeira participação da população trans. Isso porque colocamos, no formulário, as categorias sexo e gênero no grupo analisado. Dois participantes representam cerca de 7,41% ao registrar seu sexo diferente do seu gênero, destacando-se como uma expressão singular da diversidade de identidades de gênero. Essa inclusão contribui para enriquecer a compreensão das variadas experiências presentes no contexto. Ademais, o grupo se manteve majoritariamente composto por mulheres, com, aproximadamente, 59.26% das respostas, como “Feminino”, na categoria gênero.

Figura 6 – Nível de escolaridade em 2022.



Fonte: análise de respostas do formulário Google aplicado virtualmente em 2022.

Em relação à escolaridade, os níveis variam consideravelmente. Entre os 27 participantes, os que possuem ensino médio completo representam a categoria mais frequente entre os inscritos, como sinalizado na Figura 6. Além disso, encontramos um diversificado espectro educacional, abarcando desde ensino fundamental incompleto até ensino superior incompleto e completo. Há uma notável presença de formação técnica, tanto completa quanto incompleta, bem como de relatos de

conclusão de cursos técnicos específicos. Essa diversidade reflete uma gama de trajetórias educacionais, revelando uma mistura de experiências acadêmicas entre os participantes.

Analisando-se a situação ocupacional, cerca de 37% encontram-se desempregados, evidenciando uma parcela significativa dos 59.2% entre os que não têm ocupação formal. Além disso, aproximadamente 22,2% dos participantes estão envolvidos em atividades de trabalho informal. Essa discrepância entre emprego formal, informal e desemprego destaca a diversidade de situações ocupacionais presentes no grupo analisado, refletindo a complexidade e a variação das condições de trabalho e renda entre os participantes.

Perfil de educandos(as) em 2023

O formulário foi preenchido pelos interessados em ingressarem no curso no período entre os dias 24 de março e 12 de abril de 2023. Contamos com 66 inscrições e, a partir delas, foram realizadas entrevistas presenciais às quais nem todos compareceram. Desse modo, a turma que iniciou o ano era composta por 38 educandos e educandas, vide figura 7. Esse número cresceu quando realizamos o segundo processo seletivo em julho. No entanto, para o atual capítulo, vamos analisar o perfil apenas dos inscritos no primeiro processo seletivo do ano.

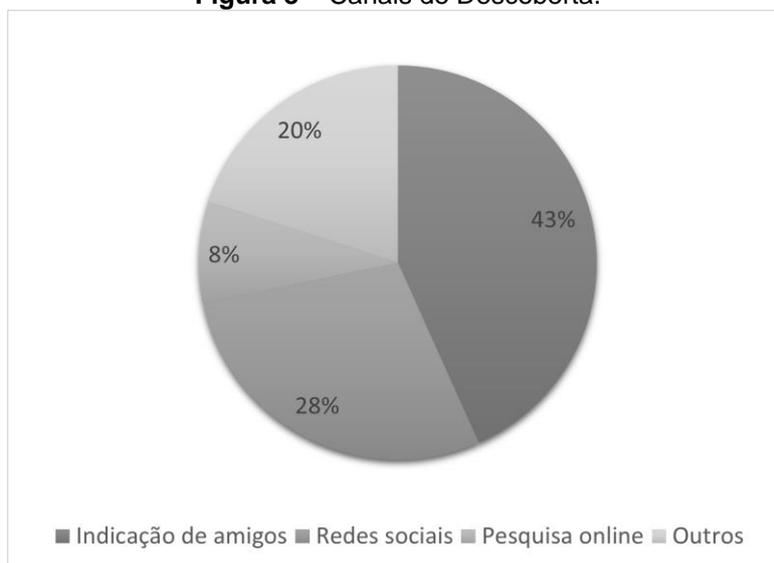
Figura 7 – Primeiro dia de aula da turma de 2023, no dia 18 de abril. Contamos com a presença do coordenador e educador Gabriel Oliveira ao centro e das educadoras Pâmella Martins e Maria Eduarda de Almeida, da esquerda para a direita.



Fonte: acervo pessoal.

Foi acrescentada, no formulário de inscrição, uma pergunta que questionava como o participante conheceu o Paideia. E pudemos registrar que a maioria dos participantes descobriu o curso por meio de indicações de amigos, colegas ou ex-alunos, assim como mostra a Figura 8. Algumas pessoas mencionaram ter conhecido o projeto por meio de redes sociais, especialmente Instagram e Facebook; e outras pesquisavam por cursos pré-vestibulares gratuitos.

Figura 8 – Canais de Descoberta.



Fonte: análise de respostas do formulário Google aplicado virtualmente em 2023.

Analisando conforme o critério de nomes tradicionalmente atrelados às mulheres, podemos observar que foram, aproximadamente, 62,68% dos nomes preenchidos pelas pessoas inscritas no processo o que caracteriza o quarto ano em que o grupo de educandos(as) é caracterizado, em sua maioria, como feminino.

Assim como no ano de 2020, dessa vez, não foi questionado o gênero, não foram coletadas as idades nem as datas de nascimento no formulário. Essas informações foram questionadas durante as entrevistas presenciais. Assim, não conseguimos caracterizar as faixas etárias de 2023 no presente texto.

No campo reservado para autodeclaração de pertencimento aos grupos de ações afirmativas e origem, um número significativo de participantes (aproximadamente, 74,63%) afirmou não se autodeclarar dentro de um grupo de ações afirmativas. No entanto, houve relatos variados sobre a procedência, com muitos afirmando serem provenientes da cidade de Rio Grande. Além disso, algumas respostas indicaram pertencer a grupos de baixa renda, identificando-se como pardos, negros ou negras.

Por fim, na situação ocupacional, 56% dos participantes afirmaram estar atualmente empregados, seja de forma remunerada, como jovem aprendiz, estagiário, seja por conta própria. Em contrapartida, cerca de 40% relataram não estar trabalhando no momento. Alguns mencionaram acidentes de percurso que os deixaram encostados, enquanto outros estavam em busca de emprego ou focados nos estudos, incluindo estudantes do ensino médio. Além disso, houve um relato sobre ser mãe e dona de casa, expressando o desejo de voltar a estudar para obter melhores oportunidades no futuro.

Comparações dos anos descritos

Houve uma evolução notável nos processos seletivos e na caracterização dos educandos(as) do Paideia, entre os anos de 2020 e 2023. Em 2020, marcado pelo início da pandemia, o formulário on-line foi utilizado para mapear o acesso à internet e a situação socioeconômica dos participantes já inseridos no curso. O perfil predominante foi de mulheres, com todos os entrevistados indicando acesso à internet e a um dispositivo estável para uso. A maioria contribuía financeiramente para suas famílias, com renda variando entre 1 e 2 salários mínimos. No entanto, ao longo do ano, ocorreu evasão no contexto virtual, com indivíduos enfrentando dificuldades de aprendizado à distância.

Em 2021, a inscrição on-line trouxe um grupo de candidatas já com bom acesso à internet. Novamente, predominância feminina era observada, e os participantes tinham motivações diversas para ingressar no Paideia. Em relação ao trabalho, a maioria não estava empregada, e os indicadores de renda e ocupação foram mais variados.

Já em 2022, o formulário de inscrição foi ampliado, permitindo uma análise mais aprofundada dos inscritos. Houve uma diversificação significativa no perfil dos participantes, com uma representatividade maior de pessoas com mais de 40 anos e com a inclusão de pessoas trans no grupo. A escolaridade variada foi marcante, com destaque para o ensino médio completo. As ocupações também foram diversas, com uma parcela considerável desempregada e outra envolvida em atividades informais.

No ano de 2023, observou-se um aumento no número de inscrições, evidenciando um crescente interesse pelo curso. A predominância feminina se manteve, e o acesso ao curso foi, principalmente, por indicações de amigos e por meio de redes sociais. Mais uma vez, a maioria não se autodeclarou em grupos de

ações afirmativas, porém houve menções sobre origem na cidade de Rio Grande e indicações de baixa renda, com identificações de pardos, negros ou negras. Em termos de ocupação, uma parcela significativa está empregada, enquanto outros estão desempregados, enfrentando desafios no retorno aos estudos ou focados em atividades domésticas.

Essa evolução reflete não apenas mudanças nos processos de seleção, mas também na diversidade e na complexidade do perfil dos educandos(as) ao longo dos anos.

Reflexões e perspectivas futuras

Ao longo deste capítulo, exploramos a trajetória do Paideia, um projeto de Educação Popular que emergiu como resposta à necessidade de combater a desigualdade social. Desde suas origens nos movimentos populares até seu papel crucial durante a pandemia da Covid-19, examinamos a evolução do Curso Pré-Universitário Popular na cidade do Rio Grande.

Destacamos o papel dos educadores na resistência, adaptando-se ao ensino remoto e mantendo a chama do Paideia viva, mesmo diante dos desafios do isolamento social. Além disso, observamos a importância do acesso à internet e da disponibilidade de dispositivos para os educandos, revelando a resiliência do curso.

As descobertas, ao longo deste capítulo, refletem os objetivos iniciais estabelecidos para o Paideia. Desde sua criação como um espaço de Educação Popular até seu papel durante a pandemia, o curso permaneceu fiel ao propósito de aproximar a universidade pública da sociedade civil, promovendo a inclusão e combatendo a desigualdade.

As mudanças, nos perfis dos educandos, têm implicações significativas para o curso e para a comunidade em geral. A diversidade no corpo de educandos(as), refletindo diferentes idades, gêneros e situações socioeconômicas, destaca a amplitude do impacto do Paideia na comunidade. A resistência durante a pandemia e a transição para o ensino remoto evidenciaram a importância da Educação Popular.

Explorar a continuidade do perfil dos (as) ex-educandos(as) e suas trajetórias pós-Paideia é fundamental para compreender o impacto do curso. Além disso, pesquisas voltadas para a eficácia do ensino remoto, em ambientes socioeconômicos diversos, podem contribuir para aprimorar o curso. Investigações sobre a efetividade das estratégias adotadas durante a pandemia e seu impacto no

aprendizado dos educandos também são cruciais.

O Curso Pré-Universitário Popular Paideia desempenhou um papel essencial na comunidade do Rio Grande, resistindo a desafios e evoluindo ao longo do tempo. O entendimento do perfil dos educandos, ao longo dos anos, é fundamental para traçar um caminho mais inclusivo e eficaz para o futuro do curso, mantendo viva sua missão de promover a educação e a igualdade.

Em suma, a história do Curso Utopia-Paideia é uma narrativa de perseverança, engajamento estudantil e compromisso com a transformação social. Do seu surgimento como Sem Limites à adaptação às demandas da pandemia, o curso demonstrou sua resiliência e importância como agente de Educação Popular. Este capítulo não apenas retrata a evolução do curso, mas também destaca seu papel crucial na promoção da igualdade de oportunidades e na formação de cidadãos conscientes em Rio Grande.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUGO, A. C. Curso Utopia: reconstruindo caminhos, resgatando identidades - estudo sobre uma proposta alternativa que busca re-significar o acesso ao ensino superior. Monografia Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Curso de especialização em educação brasileira, Rio Grande/RS, 2005.

GONÇALVES, L. D. A importância das categorias diálogo e conscientização na Educação Popular. In: PEREIRA, Vilmar Alves; GONÇALVES, Leonardo Dorneles (Org.). Educação Popular no Contexto do PAIETS - FURG: os saberes da pesquisa em extensão universitária. Porto Alegre: Evangraf, 2012, v. 01, p. 174-182.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. Edição padrão. ed. Brasil: WMF Martins Fontes, 2017. 288 p. ISBN 8546901406.

NAVAJAS, C. C. Paideia, contexto de Educação Popular: pandemia e a importância da resistência. 21ª Mostra de Produção Científica Universitária - MPU, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil, 19 a 21 de outubro de 2022. ISSN: 2317-4420.

PEREIRA, R. A. Educação Ambiental Popular e o PAIETS: compreensões sobre o horizonte formativo de um programa de extensão. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2020.

SACCARO, Guilherme. Roda de conversa em tempos de pandemia: entre desafios e esperanças. 19ª Mostra de Produção Científica Universitária - MPU, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande/RS, Brasil, 11 a 13 de novembro de 2020. ISSN 2317-4420.

**PODER POPULAR: PENSAR A EDUCAÇÃO POPULAR PARA ALÉM DO
LIBERALISMO E DO ASSISTENCIALISMO**

Évelyn Caseira Nunes
John Lennon Barros Rodrigues

Introdução: relato de experiência e inquietações iniciais

O presente capítulo tem como objetivo relatar a experiência desempenhada no curso de Pré-Enem Poder Popular, vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (Paiets), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), bem como apresentar os paradigmas teóricos que guiaram a prática do curso em suas duas edições. Antes de desenvolver o relato e as questões teórico-práticas que o atravessam, é necessário apontar que o curso Poder Popular, parte de uma parceria - inédita, mas frutífera - do PAIETS, com a organização política União da Juventude Comunista (UJC), na cidade de Rio Grande, é um coletivo que conta com cerca de 30 jovens, em sua maioria estudantes e formados em licenciatura, que encontraram, na Educação Popular, mais do que um projeto de solidariedade de classe, mas um centro paralelo de organização do proletariado em potencial.

Portanto, é na esteira destas concepções basilares que buscamos desenvolver o trabalho no Pré-Enem Poder Popular, tanto em sua primeira edição (2022) quanto na última (2023). O curso tem sido sediado na Escola Estadual de Ensino Médio Silva Gama, no Bairro Cassino, em que, por já ter acolhido outro curso do PAIETS anteriormente, fomos recebidos de braços abertos pela direção e pela comunidade escolar. Estamos trabalhando com o modelo intensivo, que prevê uma

duração de 3 meses de curso, que apresenta uma menor taxa de evasão¹ quando comparado com o modelo extensivo de cursos. Finalizamos ambas as edições com, no mínimo, 50% da turma frequente em todas as aulas.

Como já mencionado, os educadores - todos voluntários - advêm, em sua grande maioria, de militantes da UJC, estudantes ou formados em cursos de licenciatura da FURG. Em ambas as edições, foi necessária a seleção de educadores externos para algumas áreas, o que tem se provado proveitoso, no sentido de ampliar a iniciativa, de pensar a formação de professores e a concepção de Educação Popular para além dos muros da própria organização política. E, ainda no que tange ao modelo organizativo do curso, dividimos as áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Linguagens/Redação, Ciências da Natureza e Matemática) por dias da semana, proporcionando uma divisão equilibrada entre os educadores, sem causar sobrecarga, dividindo as áreas entre, no mínimo, dois educadores (exceto no caso de Matemática).

Além da divisão de conteúdos baseada nos pré-requisitos do Enem, também oferecemos formações que expandem temas abordados em aula e que atraem os educandos, levando à compreensão crítica da sociedade, superando - mesmo que minimamente - o espaço tradicional da sala de aula. Nesses espaços, que chamamos de “Atualidades”, dividimos os educadores em temas específicos, e, em cada formação, um educador é responsabilizado pela mediação do espaço e do debate. Nos espaços de debate de “Atualidades”, conseguimos levar diversos temas candentes como questões de gênero, raça, classe e cultura. Alguns exemplos de temas de “Atualidades” já realizados são: preconceito linguístico, a semana de arte moderna de 22, a questão ambiental e o capitalismo, a questão Palestina, a guerra da Ucrânia etc. A partir dessa abordagem, buscamos seguir o exposto por Freire (1987, p. 78) quando afirma: “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão”.

Nesse sentido, ressaltamos as atividades formativas, nomeadas “Atualidades”, como essenciais. Tais atividades, além de contribuírem para a formação dos sujeitos, proporcionam espaços de maior contribuição dos educandos para os temas estudados, participando ativamente da construção de sentidos da sala de aula e estimulando a reflexão crítica acerca de temas centrais da sociedade.

¹ A evasão é um problema que tem assolado as iniciativas do Paiets e que necessita de maior estudo e investigação, porém não será nosso foco neste texto.

Afinal, conforme afirma Britto (2012), atualmente, percebe-se certa dificuldade na superação do senso comum no âmbito do ensino e da aprendizagem, e é preciso ir além. Portanto, não buscamos focar nosso planejamento apenas nas especificidades do Enem, mas fornecemos momentos de estudo protagonizados por maior autonomia dos educandos, visando ao desenvolvimento integral destes, através do debate sobre temas atuais.

Nesse sentido, ambas as edições podem ser consideradas bem-sucedidas, mantendo a proposta original do curso, a organização das aulas e a presença massiva dos educandos, mas o processo de organização do Poder Popular fez surgir, em nossa prática docente e política - que se entrecruzam -, diversos questionamentos acerca da Educação Popular e sua aplicação no cotidiano da classe trabalhadora. Buscaremos elucidar tais questionamentos neste capítulo, centrados, principalmente, no aparato teórico do marxismo-leninismo e na compreensão de que a Educação Popular não é apenas um meio de solidariedade, mas um núcleo de poder paralelo do proletariado, de formação e formulação política.

Uma educação verdadeiramente popular

Antes de abordar o que seria uma educação verdadeiramente popular, é preciso analisar como é a educação no Brasil, apontando para as contradições existentes no modelo educacional de uma sociedade capitalista. Faz-se necessário compreender como a classe dominante utiliza-se da educação - seja ela pública, seja privada - para imprimir uma ideologia que condiz com os valores que esta mesma classe deseja inserir nas camadas proletárias da sociedade. Após essa breve explanação, será possível entender, com maior concretude, a visão marxista-leninista de educação, bem como os objetivos por trás dessa poderosa ferramenta de organização do poder popular.

A educação no Brasil está intrinsecamente conectada com o desenvolvimento das forças produtivas do País, então se faz necessário dedicar um momento para abordar essa relação. Para De Melo (2012), a crise do capitalismo dos anos 70² foi responsável por consolidar um modelo educacional que privilegia um aumento da produtividade do trabalho, de forma que se tornou papel educacional preparar massas de trabalhadores, com a finalidade de serem suficientemente instruídos para

² Crise econômica relacionada com a desregulamentação do sistema monetário internacional e com dois choques petrolíferos.

operacionalizar, ativamente, sua função dentro das indústrias, que vão, cada vez mais, tomando o cenário das grandes cidades brasileiras. Segundo a autora, “a preocupação com a formação do exército industrial de reserva estava em pleno momento de grandes modificações, exigindo a formação de uma força de trabalho cada vez mais urbana e com um grau maior de escolarização.” (De Melo, 2012, p. 22)

O modo de produção capitalista aponta uma série de contradições entre o modo de produção. Entendo, aqui, todas as condições que não podem ser superadas para que ele siga em vigor, como é o caso da própria ideia de desenvolvimento educacional. Lombardi (2017, p. 40) apresenta para o leitor a conceituação de dois grandes campos de educação existentes, que vão se camuflando em uma proposta de escola única, que privilegie tanto os fundamentos teóricos quanto as profissões manuais:

“aquele das profissões manuais para as quais se requeria uma formação prática limitada à execução de tarefas mais ou menos delimitadas, dispensando-se o domínio dos respectivos fundamentos teóricos; e aquele das profissões intelectuais para as quais se requeria domínio teórico amplo a fim de preparar as elites e representantes da classe dirigente para atuar nos diferentes setores da sociedade.” (Lombardi, 2017, p. 40)

Na contemporaneidade, esse mesmo cenário pode ser observado na relação que se tem com escolas de educação básica, públicas e privadas, em que a primeira está passando por uma reformulação do seu modelo curricular, que almeja que os estudantes possam optar por uma formação técnica ou profissional nos últimos três anos do ensino básico; e a segunda segue com o currículo padrão, não tendo necessidade de adotar esse novo ensino médio. Por trás dessa aparente preocupação com a formação profissional da juventude brasileira, esconde-se o fato de que, através dos itinerários formativos que surgem dessa nova proposta, o aluno deixa de ter a mesma carga horária das 4 áreas do conhecimento, sendo obrigatórias, nos 3 anos do ensino médio, apenas as disciplinas de matemática e língua portuguesa. Contudo, o exame nacional do ensino médio (Enem) seguirá cobrando os mesmos conteúdos, que só serão vislumbrados na íntegra dentro de escolas dos setores privados.

O cenário que se forma a partir disso é aprofundar no afastamento das camadas menos abastadas do ensino superior, relegando a elas tarefas manuais e práticas para os setores populares da sociedade, assim como tarefas teóricas e diretivas para as camadas mais ricas, que terão condições de se inserirem nas

universidades. Isso, sem, ao menos, lançar luz sobre a questão da estrutura das escolas brasileiras para conseguirem adotar itinerários formativos que, de fato, auxiliem a juventude para além da ideologia dominante que será empregada nesses espaços. A educação dentro do sistema capitalista não pode atingir a todas as camadas e se universalizar, pois isso se contradiz com o próprio modo de produção vigente dentro do País, como bem aponta o autor:

“A conclusão, portanto, é que o desenvolvimento da educação e, especificamente, da escola pública, entra em contradição com as exigências inerentes à sociedade de classes de tipo capitalista. Esta, ao mesmo tempo em que exige a universalização da forma escolar de educação, não a pode realizar plenamente porque isso implicaria a sua própria superação. Com efeito, o acesso de todos, em igualdade de condições, às escolas públicas organizadas com o mesmo padrão de qualidade, viabilizaria a apropriação do saber por parte dos trabalhadores. Mas a sociedade capitalista se funda exatamente na apropriação privada dos meios de produção. Assim, o saber, como força produtiva independente do trabalhador se define como propriedade privada do capitalista. O trabalhador, não sendo proprietário de meios de produção, mas apenas de sua força de trabalho não pode, portanto, se apropriar do saber. Portanto, a escola pública, concebida como instituição de instrução popular destinada, portanto, a garantir a todos o acesso ao saber, entra em contradição com a sociedade capitalista.” (Lombardi, 2017, p. 41-42)

Por um lado, temos um modelo de educação institucionalizado que é tratado enquanto mercadoria e que tem como objetivo maior a formação de uma força produtiva que atenda aos anseios das indústrias e do capital, principalmente o capital internacional. Existe, também, uma alternativa de poder popular, que, verdadeiramente, representa as necessidades da classe trabalhadora brasileira. Em texto publicado na Pravda³, Lênin fala um pouco sobre essa dualidade de poderes: “Em que consiste a dualidade de poderes? Em que ao lado do Governo Provisório, o governo da burguesia, se formou outro governo, ainda fraco, embrionário, mas indubitavelmente existente de facto e em desenvolvimento: os Sovietes de deputados operários e soldados.” (Lenin, 1917)

Lenin (1917), em seu texto, segue explicando que esse governo embrionário advém das massas populares vindas de baixo, cuja fonte de poder não está em uma lei, mas na iniciativa dessas camadas. O poder popular consiste na iniciativa da classe trabalhadora que, defronte ao poder burguês - este que acata solenemente a ideologia burguesa -, enxerga a necessidade da auto-organização para combater a

³ Principal jornal da União Soviética e um órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

exploração de sua classe.

“Para se tornarem o poder, os operários conscientes têm de conquistar a maioria para o seu lado: enquanto não existir violência contra as massas, não haverá outra via para o poder. Não somos blanquistas, não somos partidários da tomada do poder por uma minoria. Somos marxistas, partidários da luta proletária de classe contra a embriaguez pequeno-burguesa, o defensismo-chauvinismo, a fraseologia, a dependência em relação à burguesia.” (Lenin, 1917, s/p)

A importância da educação dentro do poder popular é imensurável. É a partir de uma capacitação que alie a teoria com a *práxis* que a classe trabalhadora poderá se ver livre das amarras que a atrelam a sua própria exploração. Marx, Lênin, Gramsci e até Freire pensavam sobre a necessidade de ter um ensino/escola que consiga relacionar a realidade concreta de uma sociedade oprimida com os ensinamentos, teóricos e práticos, que precisam fazer parte do currículo, de maneira que fosse possível relacionar a vivência do educando com sua aprendizagem.

“Assim, Lenin reconheceu na educação uma dimensão central da construção do socialismo. Defendeu a necessidade urgente de uma formação politécnica para as crianças e os jovens, objetivando a capacitação das novas gerações na condução da vida produtiva do país. As instituições de ensino deveriam ser gratuitas, laicas e capazes de elevar o nível cultural da população. Lembrando que os revolucionários se depararam com uma realidade em que a esmagadora maioria dos russos era analfabeta. Tinha-se, obviamente, a clareza de que, sem a superação desse problema, a sociedade comunista não se realizaria.” (Reis, 2020, p. 58)

Gramsci contribui para a ideia de uma educação verdadeiramente popular, como aponta Reis (2020). O ensino burguês, maçante e alheio à vida de seus educandos, deveria ser substituído por uma pedagogia que atendesse aos interesses da classe trabalhadora, com conteúdos que possam ser absorvidos organicamente, a partir de uma formação humana.

“No caso de uma educação anticapitalista, as classes populares devem ocupar papel ativo na construção da nova concepção. Não apenas como receptoras de conteúdo, mas como formuladoras do conhecimento, afinal, a nova hegemonia emancipatória depende dessa reorientação formativa. A própria relação dirigente/dirigido deve passar por mudanças, rompendo com a hierarquização cultural entre um e outro.” (Reis, 2020. p. 63)

É importante ressaltar que a Educação Popular não é aquela feita para o povo, mas, sim, a construída em conjunto com ele. Relacionado a esse pensamento, Batista (2007, p. 183) coloca: “pode ser popular, uma vez que sirva ao povo, mas, se

não construída com a participação crítica desse povo, mesmo nomeado como pode vir a contribuir com a reprodução da ideologia dominante”.

Segundo Batista (2007), na busca de uma conscientização, a Educação Popular busca o pensamento consciente dos sujeitos sociais, mas sempre numa relação que respeite o saber popular - próprio desses sujeitos. Dessa maneira, teremos um cenário em que o poder popular, este que emerge no seio da classe trabalhadora, seja responsável pela Educação Popular, que alie o saber técnico com teórico, relacionando o conteúdo com a realidade de seus educandos.

Os desafios do Poder Popular: a escola como Aparelho Ideológico de Estado

São diversos os desafios enfrentados para conseguir construir um trabalho satisfatório dentro de um cursinho popular, entre o trabalho voluntário, a evasão, o espaço e o tempo dedicados às iniciativas. A própria escola se coloca enquanto um empecilho para o desenvolvimento de centros paralelos de organização e formação da classe trabalhadora, que estamos compreendendo na esteira deste relato-pesquisa enquanto sinônimo de Educação Popular.

Em seu texto *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1970), o filósofo francês Louis Althusser, no intuito de avançar a teoria do Estado marxista, divide os aparatos de poder do Estado burguês sobre o proletariado em Dispositivo Repressivo do Estado e Aparelho Ideológico do Estado (AIE), sendo o primeiro baseado nas instâncias governamentais, no exército, na polícia, nos tribunais e nas prisões: “Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão «funciona pela violência», - pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas)” (Althusser, 1980, p. 43). Já o segundo, que é nosso foco neste trabalho, concebe o AIE como “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (Althusser, 1980, p. 43), entre elas, religião, escola, família, mídia, cultura etc.

Para melhor explicitar a diferença entre os aparatos, vejamos:

É que em si mesmo o Aparelho (repressivo) de Estado funciona de uma maneira massivamente prevalente pela repressão (inclusive física), embora funcione secundariamente pela ideologia. (Não há aparelho puramente repressivo). Exemplos: o Exército e a Polícia funcionam também pela ideologia, simultaneamente para assegurar a sua própria coesão e reprodução e pelos valores que projetam no exterior. Da mesma maneira, mas inversamente, devemos dizer que, em si mesmos, os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam de um modo massivamente

prevalente pela ideologia) embora funcionando secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica. (Não há aparelho puramente ideológico). Assim a escola e as Igrejas «educam» por métodos apropriados de sanções, de exclusões, de selecção, etc., não só os seus oficiantes, mas as suas ovelhas. (Althusser, 1980, p. 46-47)

A partir da compreensão de Althusser, concebemos a escola como uma das maiores instituições de reprodução da ideologia burguesa da atualidade, como debatido na seção anterior. Igualmente, consideramos o aparelho escolar como o principal AIE, já que “substituiu nas suas funções o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, isto é, a Igreja” (Althusser, 1980, p. 62). Desse modo, coloca-se como um de nossos principais desafios o desenvolvimento de uma iniciativa - substancialmente - popular no seio da escola burguesa.

É possível que os efeitos deste AIE possam ser remediados e camuflados por uma direção que administre a escola horizontalmente, que busque, ao máximo, iniciativas de diálogo com a comunidade, como é o caso de nossa experiência com o curso Poder Popular. Entretanto, ainda que tente se desvencilhar, conscientemente ou não, a escola, em sua plenitude, estará intrinsecamente ligada à reprodução da lógica burguesa de hierarquização de poder e autoritarismo (relação professor-aluno), de exploração do homem pelo homem. Ou seja, permanece submissa ao mercado de trabalho, via desenvolvimento de habilidades e competências, orientada pela lógica de competição meritocrática e pela mecanização do processo de ensino.

A educação escolar que Duarte (2013, p.123) concebe enquanto impulso para luta contra a alienação, baseada na superação do senso comum liberal e no amplo acesso ao conhecimento formal e sistematizado, está longe de ser alcançada e se contrapõe aos projetos neoliberais que vigoram na escola atual. Dessa forma, nossa concepção de Educação Popular é incompatível com o modelo de escola atual, diríamos que pode ser considerada, até mesmo, antagônica.

É importante ressaltar que não consideramos a escola atual um ambiente totalmente infrutífero para o trabalho que objetive a construção do poder popular. Nossa experiência fala por si só, é um ambiente que limita, pelo menos na organização social atual, a construção de centros paralelos de organização do proletariado. Nesse sentido, consideramos que a construção de espaços físicos próprios dos cursinhos populares ou o vínculo com associações de moradores e projetos sociais que tenham seus próprios espaços seja o ideal, se o intuito é

construir o poder popular que transborde para além do aparelho escolar.

O espaço físico possibilita um reconhecimento maior da comunidade alvo com o cursinho, que, muitas vezes, não se reconhece e/ou tem aversão ao ambiente escolar por experiências prévias, e poderá encontrar, no cursinho popular, uma espécie de reencontro e ressignificação do seu lugar no mundo e do que a educação significa para si. Dessa maneira, a luta por uma educação verdadeiramente popular e aqui concebida, a partir de um viés marxista-leninista, não se limita ao aparelho escolar e a um modelo assistencialista que, interligado à concepção neoliberal de escola/educação, enxerga a Educação Popular como caridade. Mas procura, constantemente, aproximar-se da classe trabalhadora e romper com o que está dado.

Considerações Finais

Compreendemos que este capítulo não aponta todas as respostas para os questionamentos que levanta, pelo menos não de maneira robusta o suficiente. Entretanto, a proposta central deste texto, que seria problematizar o modelo vigente de educação e suas implicações nas concepções atuais de Educação Popular, através de nossa experiência prática com o curso Poder Popular, foi cumprida. Quebrar a ligação entre Educação Popular e institucionalidade burguesa não é tarefa fácil, precisamos, inicialmente, fugir de abstrações teóricas - e consequentemente práticas - do que concebemos enquanto Educação Popular.

O educador e o educando não são meras peças num jogo difuso que devem, entre trancos e barrancos, chegarem a uma metamorfose espontânea geradora da Educação Popular. Não deve partir do educador a concepção de que está “ajudando” os educandos que estão em determinada iniciativa de Educação Popular e isso, por si só, define o que é ser um educador popular, baseado em uma ideia liberal de caridade e assistencialismo, que se encerra quando o educando ingressa no ensino técnico ou superior. É nosso dever enquanto educadores populares construir polos de poder popular através da educação. Precisamos, urgentemente, debater e pensar a educação enquanto marxistas-leninistas, com a seriedade e compromisso revolucionário que ela demanda.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Editorial Presença/Martins Fontes, Lisboa, 1980.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.
- DE MELO, Adriana A. S. Educação Brasileira e Estratégias de Sobrevida do Capitalismo. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, v. 4, n. 1, p. 20-30, jun. 2012
- DE MELO BATISTA, Aline Maria. Práxis, consciência de práxis e Educação Popular: algumas reflexões sobre suas conexões. Educação e filosofia, v. 21, n. 42, p. 169-192, 2007.
- DUARTE, Newton. A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- LÊNIN, V. I. Sobre a Dualidade de Poderes. Marxist Org, 2008. Disponível em:< <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/09.htm> >
- LOMBARDI, José Claudinei. Crise Capitalista e a Educação Brasileira. 1ª Edição. berlândia, MG: Navengo Publicações, 2017.
- REIS, Claudio. O Marxismo e a Educação Popular. Movimento-revista de educação, v. 7, n. 12, p. 54-75, 9 jun. 2020.

**PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR QUINTA SUPERAÇÃO: 20 ANOS DE
HISTÓRIAS DE SONHOS E SUPERAÇÕES**

Roberta Avila Pereira
Juliana Avila Pereira
Thalis Figueiredo Sartório

Primeiras palavras

Ao observar a trajetória da educação básica no Brasil, percebe-se que é marcada por descontinuidades e descaminhos que resultaram na exclusão das classes populares dos níveis mais avançados de ensino. Foi, nesse contexto, que surgem as primeiras experiências dos então denominados “Cursinhos Populares”.

Segundo Castro (2005), as origens dos cursos populares remontam à década de 1950, na Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos - período em que o País estava em busca de fundamentos para seu projeto de desenvolvimento. Essas iniciativas se desdobram em períodos subsequentes, incluindo o período da ditadura militar, com a influência da Teologia da Libertação; e nas décadas de 1980 e 1990, com uma maior aproximação com as universidades públicas.

Essas mobilizações culminaram, no final dos anos 1990 e 2000, com a reunião e organização de diversos movimentos comunitários em torno dos princípios da Educação Popular no Brasil. Essas experiências surgem, portanto, como forma de ação afirmativa, buscando proporcionar o acesso à universidade para a população marginalizada.

Dessa forma, neste capítulo, busca-se refletir sobre a experiência constituída no pré-universitário Popular (PUP) Quinta Superação, interior da cidade de Rio Grande/RS. Tem-se como intenção apresentar, nessas páginas, a história do PUP

Quinta Superação, localizado na Vila da Quinta - bairro caracterizado como periurbano⁴ na cidade. Para isso, busca-se tecer fios de memórias coletivas, vivências e experiências que tramam e bordam a história do curso, costurando sonhos, esperanças e lutas.

Este espaço, ao longo dos anos, objetivou desenvolver uma perspectiva de educação, com um viés mais solidário e crítico. O curso tem como pressuposto o incentivo aos educandos a perseguirem seus sonhos, bem como e, acima de tudo, o reconhecimento da necessidade de tornar o ambiente acadêmico mais inclusivo e democrático.

Considera-se que, ao longo dessa jornada, a Educação Popular e as formas de acolhimento desenvolvidas pelo Quinta promoveram um papel fundamental para tentar garantir uma aprendizagem efetiva dos conteúdos, como também o ingresso dos estudantes nas instituições de ensino superior.

Como forma de organização do capítulo, a estrutura textual se pautará em três momentos: i) serão apresentados os aspectos históricos e geográficos que caracterizam o lugar em que o curso está inserido, a Vila da Quinta; ii) na sequência, o texto abordará a trajetória do Quinta Superação, buscando discutir seus aspectos políticos e pedagógicos; iii) por fim, serão traçadas as considerações finais.

Um lugar chamado Vila da Quinta

A Vila da Quinta é um distrito localizado na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul. É um bairro na região rural da cidade. As suas origens remontam ao período colonial do Brasil, o qual aparece no mapa de Cano e Olmilla, do ano de 1777, sob a nomenclatura de “Quinta do Cap. Mor” (Mendonça, 2013, p. 5). E nele se apresentavam atividades ou espaços militares, mas o que chama atenção e ficou na identificação do nome do bairro é a criação de frutas, em uma horta, denominada de “Quinta” (Mendonça, 2013, p.5).

Por conseguinte, Torres (2008) aponta, ao começo da vila, a criação da estrada de ferro Rio Grande – Bagé, sendo que, junto às estações, se formavam povoamentos. Este povoado que se formava era intitulado Estação Quinta. A vila crescia com a presença frutífera, de plantações ao seu redor, que, posteriormente,

⁴ Segundo Silva (2012, p. 90), “o espaço periurbano corresponde ao entorno rural das cidades que pouco a pouco passa a receber influência de atividades urbanas, produzindo uma espacialidade complexa em que é difícil definir os limites do urbano e do rural”.

garantiria seu nome de Quinta (Mendonça, 2013, p.5). O bairro tornou-se Quinto Distrito de Rio Grande, em 1909, a partir do Ato 532, sob o nome de Júlio de Castilhos. (Mendonça, 2013, p.5)

A partir desse momento, surgem outras edificações. Além da Estação Quinta, já havia uma fábrica e um espaço de sociabilidade, a famosa Sociedade e Instrução e Recreio da Quinta (SIRQ), de 1903 (Mendonça, 2013, p. 5). Surge um cartório distrital, uma igreja, a Igreja da Penha e uma escola, posteriormente, teria até um cinema na localidade. Mendonça (2013) aponta que, apenas em 1938, o nome Vila da Quinta é oficializado após a supressão do nome Júlio de Castilhos (Mendonça, 2013, p. 5).

Destaca-se o contato com as atividades agropecuárias e de pesca na região, principalmente com as ilhas, com a região distrital da Ilha dos Marinheiros. Segundo Sfredo e Tagliani (2016), desde a criação do povoamento da cidade de Rio Grande, “as pequenas propriedades rurais estavam localizadas em torno do povoado da Quinta, Ilha dos Marinheiros, Leonídeo, Torotama e Quitéria.”, junto às práticas agropecuárias, a atividade pesqueira promovia modos de prover alimentos e possibilitar a arrecadação para os moradores da região. (Sfredo; Tagliani, 2016, p. 222)

Logo, os espaços urbanos e rurais se inter-relacionam no bairro da Quinta, provindos das práticas econômicas das redondezas, caracterizando, portanto, os estudantes que se apresentam nas escolas. Apresenta a característica de “estar na fronteira entre a zona rural e a zona urbana da cidade.” (Troca, 2015, p. 264). A dinâmica que Troca (2015) apresenta centrada no ambiente escolar, mostra a realidade de estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Lília Neves, quando a publicação de seu artigo, em 2015, demonstra um fluxo de estudantes dos bairros “Parque Marinha e Carreiros (urbanos), Ilha dos Marinheiros, Ilha do Leonídio, Torotama, Quitéria, Arraial, Taim (rurais).” (Troca, 2015, p. 264). Essa relação de estudantes também se faz presente para os pais destes ou de outros habitantes das regiões rurais, que fazem essa rota ao centro da vila para ter acesso ao comércio, à saúde e à educação, que se apresenta de forma limitada nos bairros de origem, ou, como outrora era na criação da Estação Quinta – obviamente não se trata mais da estrada de ferro com o trem, mas embarcando no ônibus que se destinará ao centro ou demais bairros.

Natasha Rodrigues sintetiza a efervescência do centro da vila, quando diz que

Ao andar pelo bairro da Vila da quinta, é possível encontrar as mais diversas situações: vemos desde os estudantes que encontram-se na praça de Águeda, a pessoas trabalhando no mercado, nas lojas e farmácias. Anda-se mais um pouco e encontra-se a “gurizada” jogando bola no campo do Quinta, ou um produtor rural levando seu hortifrúti para comercialização, e, logo mais à frente à rua já não é mais calçada e vemos as porteiras das chácaras sem ao menos poder avistar as casas ou as plantações que possivelmente nelas existem, em direção ao centro da cidade de Rio Grande mas, principalmente em direção às ilhas dos Marinheiros, Torotama e Leonídio, e a povoação da Palma. (Rodrigues, 2018, p.24)

Dessa forma, é nessa “fronteira” entre o urbano e o rural que Troca (2015) tinha apresentado que se forma e se constitui o cerne da Vila da Quinta, que foi capturado por Rodrigues (2018), quando as pessoas e os espaços, rurais e urbanos, foram a mescla do que é ser Quinta, ambiente destinado ao plantio da horta de frutas que, posteriormente, se torna nomenclatura do Quinto Distrito de Rio Grande.

Assim, é possível apontar que, assim como muitos outros bairros na cidade, a Quinta se desenvolve empurrando sujeitos na direção da exclusão de seus direitos à cidadania, empurrando indivíduos de suas comunidades rurais, com um discurso fatalista que naturaliza a situação do êxodo do campo para a cidade. A Vila da Quinta é, portanto, um contexto rio-grandino que, dentro dessas conformações, abriga estudantes e trabalhadores que, diariamente, se deslocam do rural ao urbano, dentro do espaço do próprio bairro ou ao centro da cidade, que fazem dessas rotas seu cotidiano, sua existência. E são estes sujeitos, forjados por estas relações sociais, que constituem o corpo de estudantes que o Quinta Superação recebe e acolhe.

A trajetória do Quinta Superação: histórias e memórias

A década de 1990, no Brasil, foi um período marcado por uma significativa expansão das políticas neoliberais que impactaram diversos setores do País. A educação, em particular, permanecia predominantemente acessível apenas às classes sociais mais privilegiadas. Nesse contexto de marginalização e exclusão social, movimentos populares começaram a emergir, reclamando por espaços em ambientes historicamente reservados às camadas mais abastadas da sociedade, exigindo a democratização desses espaços (Pereira, 2020).

Foi, nesse cenário desafiador, que o Pré-universitário Popular Quinta Superação teve seu início no ano de 2003. Esse projeto surgiu da iniciativa de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que residiam na Vila da

Quinta e reconheciam as dificuldades enfrentadas para ingressar no ensino superior. Conscientes dessa realidade, esses estudantes decidiram se unir e criar um curso inteiramente gratuito, com o objetivo de oferecer à comunidade local a preparação necessária para o acesso ao ensino superior.

A primeira experiência de que se tem registro, nos relatos orais de pessoas que estiveram envolvidas, surgiu com o nome “Sociedade Alternativa” e acontecia no espaço das salas de catequese da Paróquia Nossa Senhora da Penha. As aulas aconteciam no período da manhã, em decorrência de ainda não haver uma escola com ensino médio no Povo Novo. Na Quinta, portanto, era o único lugar no interior em que se podia continuar os estudos. Todos os estudantes da região, então, vinham para Vila de manhã e estudavam no “Sociedade Alternativa”; e à tarde, faziam o ensino médio na escola Lília Neves.

As atividades de organização começaram em 2002, mas, em 2003, este curso inicia as aulas, com 76 estudantes inscritos. Os estudantes eram os próprios moradores da Quinta e das demais localidades que ficam nos arredores da Vila: ilhas da Torotama, Marinheiros e Leonídeo e Povo Novo. Esses alunos precisavam almoçar na escola em virtude da impossibilidade de deslocamento até suas casas, com posterior retorno à Quinta para as aulas à tarde. Este período demarca o início da caminhada pela luta do ingresso dos jovens do interior à universidade pública.

Uma marca importante desse movimento foi uma demanda que emergiu em uma reunião promovida pela professora Maria de Lourdes Leal Escouto, conhecida como Negrinha, com as mulheres da associação Vitória (de reciclagem), junto à Articulação das Mulheres do Interior – AMI (Escouto, 2002), com a participação da então estudante de Letras, Fátima Maier. Nessa ocasião, as mulheres da Associação Vitória problematizaram o cenário de dificuldades que seus filhos enfrentavam na época que impossibilitavam chegar à universidade, em razão da competitividade desigual de acesso a cursos particulares, dificuldades de deslocamento para a cidade e de meios de se manter na universidade.

O “Sociedade Alternativa” já estava sendo organizado, mas esse fato denota o espírito da época de reivindicar ações que buscassem diminuir as desigualdades sociais sentidas pelos moradores do interior de Rio Grande. As experiências com pré-vestibulares, na cidade, eram bem raras e pouco evidenciadas, o que demonstra o pioneirismo em se pautar a necessidade dos povos do interior em ingressar na universidade.

A partir dessas demandas e do próprio reconhecimento dos poucos estudantes do bairro que estudavam na FURG, que vivenciavam a dificuldade em acessar e a permanecer na universidade, é que inicia a experiência germinal do que se tornaria o pré-universitário Popular Quinta Superação. Dentre os primeiros educadores envolvidos com o curso que se tem relato, estavam: Cledenir Vergara Mendonça, Maria de Lourdes Leal Escouto, Fátima Maier, Tatiane Escouto Mirapalheta, Paulo Olmedo, Maria de Fátima Santos Silva, Wilson Ferreira, Renata Avila Troca, Beatriz, Rosa Maria e alguns estudantes da FURG que não eram do bairro.

Figura 01 – Sociedade Alternativa (2003)



Fonte: acervo pessoal

Pelos relatos obtidos, essa experiência perdurou por dois anos, envolvidos por muitas dificuldades e vitórias. Os educadores faziam arrecadação financeira, através de rifas e “vaquinhas”, para custear o deslocamento dos educadores e dos estudantes, além de se responsabilizarem pela limpeza da sala de aula e dos banheiros, comemorando a aprovação, no vestibular, de alguns dos seus estudantes.

Por conta dessas dificuldades, com a entrada e com o interesse de novas pessoas da comunidade em contribuir com este projeto, o grupo decide se candidatar a uma associação para conseguir o apoio necessário e obter um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ, que lhes permitisse buscar

assistência de forma mais eficaz.

Entre os membros envolvidos nesse novo grupo, no ano de 2005, com a denominação Quinta Pré-Vestibular, estavam Renata Ávila Troca, o professor Agnaldo, Sícerio Agostinho Miranda (morador da ilha da Torotama e egresso da primeira turma do Sociedade Alternativa), Abílio Manoel Machado, Viviane Fontoura. Eles contaram com o apoio da professora Vera Santos (conhecida, carinhosamente, na comunidade, como Verinha), que, particularmente, foi determinante nessa etapa do processo. Cada um desempenhou um papel muito importante na busca por um objetivo comum: auxiliar sua comunidade a ocupar os espaços nas universidades federais.

Além disso, o grupo também contou com o apoio de pessoas, como Lucio (apelidado de Casca) e o Sr. Luiz Carlos – esses dois eram presidentes da SIRQ e do Grêmio Esportivo Nacional, respectivamente, que são clubes do bairro –, membros da igreja católica local e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Coriolano Benício - onde a equipe teve a oportunidade de realizar as primeiras aulas que ainda não tinham um local definido, pois as salas de catequese já não estavam mais disponíveis.

Foi por meio dessas pessoas e das instituições que representavam, trabalhando em uníssono, que o projeto pode nascer e caminhar. O curso que todos haviam sonhado retomou as atividades, marcando o início de uma jornada, fazendo a diferença na vida de muitas pessoas e das deste bairro.

Vale destacar que as informações reunidas dessa história são frutos das narrativas de educadores, estudantes e pessoas envolvidas no nascedouro do projeto. Desse modo, chega-se à narrativa contada nestas páginas, por meio de uma arqueologia das memórias desses sujeitos, que, juntas, constroem e tramam os fios da história do Quinta Superação. Esse processo acontece através das dinâmicas das histórias orais construídas coletivamente, entre os processos de memória e esquecimento, recriando lembranças e fatos.

Ao longo dos anos, o contexto tem alterações em seu nome, na medida em que se procuravam denominações que preconizassem os movimentos e os anseios que o contexto ia produzindo. Desse modo, o projeto iniciou com a denominação “Sociedade Alternativa” (2003 e 2004); em seguida, passou a ser nomeado como “Quinta Pré-Vestibular” (2005 a 2011). Após esses primeiros nomes, houve o registro, no PPP (Rio Grande do Sul, 2012), da denominação Núcleo Educacional

Popular Quinta Superação (2012 a 2014). Na sequência, nas chamadas de inscrições e publicações em redes sociais, como também em trabalhos acadêmicos, por volta de 2015, o Quinta fora chamado de pré-universitário Popular Quinta Superação.

Pereira e Claro (2023) apontam que a designação "Pré-Universitário Popular" se consolidou e fortaleceu ao longo dos anos. A mudança que se refere à denominação "Pré-Vestibular Popular" surgiu devido à alteração no processo de ingresso à universidade, que passou a utilizar o Enem. Além disso, houve uma mudança de concepção, na qual os "Pré-Universitários Populares" ligados ao PAIETS passaram a adotar uma abordagem político-pedagógica, com características bem definidas, alinhando-se a um movimento nacional que buscava democratizar o acesso a uma universidade pública e de qualidade.

O predicado Superação, escolhido para adjetivar o Quinta, se estabeleceu pela necessidade de demarcar uma característica do grupo: a superação de limites e obstáculos. A palavra anuncia o sentido de superar exclusões, dificuldades e fronteiras impostas pelos contornos geográficos e históricos da comunidade.

Nos primeiros anos do então chamado "Quinta Pré-Vestibular", as aulas aconteciam nas dependências dos salões de festa da SIRQ e do Nacional, locais improvisados que não tinham a estrutura necessária de uma sala de aula. A iluminação era precária, não havia classes escolares nem um quadro negro adequado; em contraposição, havia muito compromisso do grupo de educadores e força de vontade dos estudantes que constituíam aquelas primeiras turmas.

Têm-se registros que, no ano de 2010, o projeto foi acolhido pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Coriolano Benício, que representa um avanço de conquista de um espaço escolar, com a estrutura necessária para desenvolver as atividades. E no ano seguinte, o Quinta foi recebido pela Escola Estadual de Ensino Médio Lília Neves, localizada na região central do bairro, de fácil acesso a educadores e educandos.

Figura 02 – Quinta Pré-Vestibular (2010)



Fonte: acervo pessoal

É importante demarcar que o reconhecimento e a valorização que o curso Quinta tem, atualmente, na comunidade, foram construídos com muitas resistências, desafios e diálogos, que resultaram nas parcerias estabelecidas ao longo destes 20 anos. Houve ocasiões em que se enfrentaram dificuldades para encontrar um local apropriado para as aulas, assim como o apoio material e formativo. Um exemplo disso ocorreu em 2016, quando não foi possível encontrar um espaço para sediar o Quinta Superação. Isso ocorreu devido a uma mudança na gestão da escola Lília Neves que, até então, havia sido parceira (viabilizado pela atuação da professora Verinha - diretora da escola), impossibilitando a continuação das aulas no lugar em que se costumava desenvolver as atividades.

No ano de 2017, foi necessário buscar um novo espaço, por isso o projeto retornou à Escola Coriolano Benício. Esse retorno foi acompanhado de certas limitações por se tratar de uma escola com turno vespertino, e as aulas do Quinta ocorriam no turno da noite. Outra dificuldade em manter as atividades, na instituição, se referia à localização da escola, mais afastada do centro do bairro, que aliada à falta de segurança pública, iluminação ruim e ruas esburacadas e cheias de barro, tornava o itinerário dos estudantes e educadores difícil de realizar a noite.

Em 2018, com a troca de gestão no Lília Neves, o projeto retornou a ter uma sala de aula reservada para o desenvolvimento das atividades. Necessário registrar essa mudança, pois a própria Escola Lília Neves tem procurado as pessoas à frente da coordenação do Quinta a cada ano, se disponibilizando a ser parceira,

demonstrando o reconhecimento e a importância que o curso alcançou na comunidade da Quinta. Dessa forma, foi reconstruída a parceria com esta escola que perdura até o momento em que é escrito este capítulo. A única exceção foi no momento da pandemia de Covid-19, cujas atividades foram paralisadas em 2020 e 2021.

Figura 03 – Pré-Universitário Popular Quinta Superação (2019)



Fonte: acervo pessoal

Importante destacar este momento de paralisação durante a pandemia, pois foi uma situação bastante desafiadora e de difícil condução. Em um primeiro momento, as atividades foram suspensas, acreditando-se que só seria atrasado o calendário letivo. Não se tinha noção ainda da gravidade do vírus e da incompetência do (des)governo do período em gerir a pandemia e tomar as medidas necessárias.

Após esse momento de entendimento do cenário pandêmico, optou-se por não seguir com as atividades em formato on-line. Essa decisão foi tomada tendo como horizonte os princípios político-pedagógicos que orientam o Quinta, quais sejam: a) em primeiro lugar, pela nitidez do perfil de estudantes que o curso acolhe, estudantes que não possuíam acesso a uma internet de qualidade para acompanhar aulas on-line ou dispositivos eletrônicos que suportassem as atividades que seriam enviadas; b) o segundo ponto se refere aos princípios pedagógicos, pautados na Educação Popular, em se buscar estabelecer uma aprendizagem de cunho coletivo e solidário, o que seria difícil de alcançar no período de isolamento social,

potencializado por um processo individualizado em meio às telas eletrônicas; c) o terceiro ponto levado em consideração foi a respeito à saúde mental e emocional, tanto dos estudantes quanto dos educadores; naquele momento, entendeu-se que as demandas da vida vinham antes das preocupações escolares, que poderiam ser recuperadas posteriormente.

Apesar dessas considerações, buscando manter acesas as brasas e as chamas que alimentam o Quinta Superação, no ano de 2021, foram organizados encontros virtuais com os educadores, com a finalidade de fortalecer os vínculos e reafirmar os laços construídos. Esses foram encontros formativos internos, em que cada educador era responsável por um, em um processo de aprender com as histórias uns dos outros e com as reflexões que emergiam a partir delas. Com o fim do período de isolamento social em 2022, as atividades foram retomadas presencialmente.

Desde o seu estabelecimento em 2003 até os dias atuais, o Quinta Superação tem mantido a percepção fundamental de auxiliar a comunidade a superar as barreiras que, historicamente, limitavam o acesso dos povos do interior à educação superior. Essa iniciativa representou um esforço constante para tornar a educação superior mais inclusiva, acessível e popular, abrindo portas para aqueles que, de outra forma, teriam dificuldades em prosseguir seus estudos.

É importante destacar que, em 2007, o Quinta Superação estabelece a parceria fundamental com a FURG, por meio do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (Paiets). Essa parceria foi essencial para continuidade das atividades, fortalecendo, ainda mais, o compromisso do projeto em criar oportunidades educacionais para aqueles que buscam superar desafios socioeconômicos e culturais para alcançar o ensino superior (Pereira, 2020).

A História do PUP Quinta Superação é um exemplo de como a solidariedade, a consciência social e a ação coletiva podem fazer a diferença na vida de muitos. Ao longo de quase duas décadas, este projeto tem se mantido firme em seu compromisso de auxiliar a realidade da educação no seu contexto, tornando-a mais inclusiva e democrática. Suas raízes profundas na comunidade e seu compromisso contínuo com a Educação Popular demonstram que, mesmo em tempos de desafios políticos e sociais, a esperança e a práxis social podem trazer mudanças significativas e positivas.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto, compreende-se que o PUP Quinta Superação é uma importante experiência de Educação Popular em Rio Grande, nutrido pelo desejo de construir um caminho junto às pessoas do interior, para o acesso e permanência na universidade pública e de qualidade. Para o alcance desse objetivo, foi essencial a reinvenção de práticas educacionais, considerando os sujeitos como participantes ativos no processo de construção de uma educação emancipadora e transformadora. Nesse sentido, os cursos populares se configuram enquanto espaços de abertura para a reivindicação de outras posturas pedagógicas, problematizando as práticas de caráter mais tradicional, na direção de construir outras possibilidades de elaborar o conhecimento.

Os sujeitos que procuram o Quinta são pessoas com sonhos adormecidos, que carregam, no coração, a esperança e a vontade de superar as barreiras impostas pela vida. E isso exige o necessário compromisso ético e responsabilidade metodológica na concretização de um curso como este. Esse horizonte anuncia os pressupostos da Educação Popular na perspectiva freireana.

Referências

- ESCOUTO, Maria de Lourdes Leal. Educação Ambiental na construção da cidadania de mulheres no interior de Rio Grande. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2004.
- MENDONÇA, Cledenir Vergara. SIRQ: Sociedade, Instrução e Recreio. In: ArtEstação nos trilhos da Cultura. Ano 03. N.3. Jan. 2013. p. 22.
- PEREIRA, Roberta. Educação Ambiental Popular e o PAIETS: compreensões sobre o horizonte formativo de um programa de extensão. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020.
- PEREIRA, Roberta Avila; CLARO, Lisiane Costa. PAIETS: caminhos de um programa de extensão. Revista Conexão UEPG, Ponta Grossa, v 19, n 1, 2023.
- RIO GRANDE DO SUL, Projeto Político Pedagógico do Núcleo Educacional Popular Quinta Superação. Rio Grande/RS, 2012. 7 p.
- RODRIGUES, Natasha Helena da Silva. Vila da Quinta, histórias de vidas e memórias de um povo. Reflexões conceituais e poéticas sobre a morada e a identidade coletiva. TCC (Bacharel em Artes Visuais) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal de Rio Grande. Rio Grande, p. 72. 2018.
- SFREDO, Giuliana; TAGLIANI, Carlos Roney Armanini. Análise das modificações ambientais decorrentes da ocupação urbana em Rio Grande, RS, entre 1947 e 2014, por meio de um Sistema de Informações Geográficas. Desenvolvimento e Meio

Ambiente, Curitiba, v. 38, 2016, p. 213-230.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia básica da história da cidade do rio grande (1737-1947). BIBLOS, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 9–18, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/957>. Acesso em: 2 nov. 2023.

TROCA, Renata Ávila. Cadê o povo da Vila da Quinta? Boitatá, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 256–277, 2015. DOI: 10.5433/boitata. 2015v10.e31522. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31522>. Acesso em: 2 nov. 2023.

A TRAJETÓRIA DO CURSO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR UP

Douglas Ferreira dos Santos

Introdução

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (Freire, 2003, p. 110-111).

“Esperançar”: envolvidos por esse sentimento, há dez anos, três jovens universitários iniciaram uma trajetória na Educação Popular, quando criaram o Curso Pré-Universitário Popular *Up*. Localizado em Capão do Leão/RS e vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (Paiets), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o curso tem por objetivo ser um espaço democrático, de construção do conhecimento, de defesa dos direitos humanos, por uma educação pública e de qualidade.

A trajetória do Curso Popular *Up* está marcada por experiências afetivas, participativas, de conquistas, comprometimento/retorno e aprendizados. Diante do exposto, esses singelos apontamentos visam rememorar a trajetória do curso, identificar suas particularidades, registrar suas experiências exitosas e refletir sobre os pontos frágeis desse percurso.

“*Up!* Vem crescer com a gente!”

O Curso Pré-Universitário Popular *Up*, popularmente conhecido como Curso *Up*, surgiu do anseio de jovens leonenses que tinham o objetivo de oportunizar,

aos/às demais municipais, um espaço de estudos do conteúdo programático do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)⁵. O projeto foi formulado nos meses de novembro e dezembro de 2012. Além das atividades de estudos, foram previstos acompanhamentos psicológicos aos/às educandos/as, atividades culturais e momentos de fomento à participação política.

Embora o Enem seja organizado por áreas do conhecimento (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias), no curso, as disciplinas são abordadas separadamente e, nos momentos oportunos, realizadas aulas/atividades interdisciplinares, correspondendo às orientações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁶.

O projeto foi apresentado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (Paiets), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), e à Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), pois a intenção era realizar um trabalho conjunto, visto que o município de Capão do Leão faz divisa com os municípios que sediam as respectivas instituições.

Naquela oportunidade, somente a FURG manifestou interesse em incorporar o curso em seu programa de extensão, dessa maneira, sempre ofereceu suporte à organização, à certificação e à formação dos/as educadores/as.

Up, palavra proveniente da língua inglesa, significa “pra cima”, termo usado para fazer alusão a crescer/elevar-se, portanto significativo para um espaço que se propõe a ser de fomento à autonomia, à participação e de acesso ao conhecimento. Expressão também bastante utilizada nas redes sociais para evidenciar alguma postagem, imagem ou conteúdo. A logomarca do curso Popular *UP* (anexo 1) foi elaborada pelo colaborador Patrick Gonçalves, nas cores preta e vermelha, e é utilizada nos materiais digitais (cards de divulgação), impressos (panfletos) e acessórios (camisetas, canetas, bótons, canecas etc.), a fim de fortalecer uma identidade coletiva.

A proposta foi apresentada, também, aos poderes legislativo e executivo do município. Este último, em virtude das solicitações dos/as estudantes e da comunidade, participou (por meio de convênio entre prefeitura e universidade)

⁵ Avaliação dos conhecimentos e habilidades adquiridas no ensino médio, utilizadas pela maioria das universidades brasileiras como processo seletivo para o ingresso no ensino superior.

⁶ Autarquia federal, vinculada ao Ministério da Educação, com o objetivo de promover estudos, avaliações e pesquisas sobre o sistema educacional brasileiro.

garantindo um espaço (sala de aula) e vales-transporte para educandos/as e educadores/as.

Os sujeitos (educadores/as e educandos/as) e a comunidade local, por diversas vezes, participaram de ações, a fim de garantir condições adequadas para o funcionamento do curso. Os vales-transporte foram conquistados através de atos realizados em frente à sede da prefeitura do município, pois houve uma tentativa de resistência por parte do executivo. Além desse momento, ocorreram outras circunstâncias em que educandos/as participaram e promoveram ações de participação política que culminaram com a presença em atos nacionais em defesa da educação, com a representação no conselho municipal da juventude e com a participação nas eleições locais.

O curso iniciou sua jornada em março de 2013, mas, previamente, foi apresentado à comunidade local a partir dos meios midiáticos disponíveis (redes sociais, rádio comunitária, jornais etc.), por meio da realização de inscrições dos/as interessados/as. A oferta inicial era de 35 vagas, todavia, diante da enorme aceitação e procura, foi necessário organizar duas turmas, contemplando 70 educandos/as.

Os/as educadores/as, em sua maioria, eram universitários/as de diversas instituições (públicas e privadas) que, voluntariamente, somaram-se a esse movimento da Educação Popular. Das duas turmas ofertadas na primeira experiência (2013), todos/as os/as educandos/as participaram na composição de um refrão musical sobre o *Up*, sempre apresentado nos espaços de formação do Paiets.

Up! Vem crescer com a gente!
Conhecimento muda o mundo, melhora a vida da nossa gente.
Up! Vem crescer com a gente!
Pinte, dance e enlouqueça. Aprenda diferente.

Nos anos seguintes, as organizações das turmas deram-se de forma semelhante – a coordenação organiza o período letivo, realiza o chamamento público para universitários/as interessados/as em atuar como educadores/as e, em seguida, realizam as inscrições dos/as interessados/as.

Cabe ressaltar que, embora sempre divulgado o número de vagas, a coordenação pensava em alternativas para incluir a todos/as, sem que fosse realizada uma seleção. As aulas aconteciam na Escola Municipal de Ensino

Fundamental Prefeito Elberto Madruga, de segunda a sexta-feira, no turno da noite, até o ano 2016.

Nos anos seguintes (2017, 2018 e 2019), a partir do engajamento dos/as educandos/as, educadores/as e coordenadores/as, foram se obtendo melhores contrapartidas da prefeitura, pois o curso passou a contar com uma estrutura exclusiva no Centro de Referência da Juventude (CRJ) (Santos, 2019, p. 27).

A conquista do local proporcionou mais autonomia ao curso, já que a utilização da estrutura da escola estava condicionada ao uso restrito da sala de aula e banheiros, não sendo permitido o aproveitamento de outros espaços ociosos e circulação em outras áreas, como por exemplo, a biblioteca e o refeitório (Santos, 2019, p. 27).

O CRJ foi uma ação da gestão municipal (2017-2020) que, em 2021, foi encerrado pelos novos gestores eleitos para o executivo, pois as juventudes não estão na pauta governamental. Conforme Santos (2019), o CRJ era um espaço de promoção da cidadania,

[...] através do acesso à educação, cultura, saúde, lazer e esporte. É uma iniciativa da Prefeitura de Capão do Leão, através da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS), que visa oportunizar, através das atividades desenvolvidas (qualificação profissional, curso de informática, capoeira, taekwondo, dança do ventre, circo, teatro, pilates, danças urbanas, oficinas em geral...) formação pessoal, profissional e política. O curso passou a integrar as atividades do CRJ, destinado à comunidade em geral, ou seja, sem restrições de idade, já que o referido serviço tem por proposta fomentar as políticas públicas de juventude (Santos, 2019, p. 27).

No ano anterior à aquisição do espaço, em 2016, a coordenação organizou, além da turma na Escola Municipal Prefeito Elberto Madruga, no bairro com o maior número de moradores no município, uma turma no centro da cidade. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Barão de Arroio Grande acolheu essa iniciativa, porém - já nas primeiras semanas - a evasão dos/as educandos/as foi significativa; desse modo, a turma foi realocada para o bairro Jardim América, sendo garantida aos estudantes a gratuidade do traslado.

Nos anos de 2018 e 2019, no CRJ, além da turma pré-enem, o Curso *Up* ofereceu aos/às adolescentes do município a oportunidade de estudos para a realização da prova de seleção do Instituto Federal Sul Rio-grandense (IFSul), com o objetivo do ingresso ao ensino médio integrado⁷.

⁷ Ensino médio e técnico realizado simultaneamente.

Com o advento da pandemia da covid-19 (coronavírus) e com as orientações de distanciamento social da Organização Mundial da Saúde (OMS), nos anos de 2020 a 2022, foi suspensa a turma pré-IFSul, e a turma Pré-Enem passou a ser ofertada apenas na modalidade on-line. No ano seguinte, em 2023, em virtude de impedimentos logísticos, por falta de apoio da prefeitura municipal, o curso precisou ser adaptado e, com a parceria da Escola Estadual de Ensino Médio Jardim América, foram organizados apenas “aulões”, com dicas para os estudantes do terceiro ano, abertos à participação da comunidade local.

“Conhecimento muda o mundo, melhora a vida da nossa gente”

O *Up* é um espaço de resistência, de luta pelo acesso da classe trabalhadora e de seus filhos e filhas ao ensino técnico e, principalmente, ao superior, portanto proporciona aos/às educandos/as e educadores/as experiências exitosas. Trata-se de uma iniciativa que visa à troca de saberes, sem hierarquia, ou seja, vai ao encontro do que afirmou Paulo Freire (1987, p. 68): “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”.

Entretantes, objetiva uma educação libertadora, partindo da realidade dos/as educandos/as, na qual o conhecimento tenha significância e, nesse processo, torne-se uma educação assumidamente ideológica, sem distinção, mas que deslumbra um processo de construção com a participação de todos/as. Discorreu Freire (2013):

Porque não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, nos lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (Freire, 2013, p. 31-32).

Diante do exposto, além do reconhecimento dos saberes tácitos dos/as educandos/as, o *Up* – também – constitui-se como um espaço de experiência docente para os/as universitários/as de diferentes graduações, pois não necessariamente precisam estar cursando ou terem cursado uma licenciatura, mas identificarem-se com a proposta da Educação Popular – compreendendo-se por Educação Popular “um movimento de trabalho político com as classes populares através da educação”. (Brandão, 2006, p. 75). Logo, “[n]ão se trata de um modelo novo, único e paralelo, e sim de uma prática regida pela diferença, significativa, e pela construção do conhecimento

por todos os sujeitos envolvidos.” (Santos, 2021, p. 260).

No primeiro ano, em parceria com o Instituto de Protagonismo Juvenil (IPJ), de Surubim/PE, na modalidade on-line (via plataforma Moodle), foi oferecido um curso aos/às educadores/as sobre “Juventude e a Educação Popular”. Essa oferta aconteceu em virtude da necessidade de oportunizar formação continuada acerca da temática e de proporcionar mais informações sobre o perfil dos/as educandos/as leonenses, visto que a maioria dos/as educadores/as não residia em Capão do Leão, mas na cidade vizinha, Pelotas.

A orientação geral – tal como o direcionamento de todas as formações realizadas pelo Paiets ao longo dos anos – é a partir da perspectiva da Educação Popular, por considerar que essa melhor dialoga com a realidade de todos/as os/as sujeitos/as envolvidos/as. Assim, não se trata de imposição, mas de um convite ao diálogo. Freire (1979) disse que “não é imposição, não é manipulação. Eu não posso impor ao outro minhas opiniões; só posso convidá-lo a conversar, a discutir. Impor aos outros minha maneira de pensar é uma forma de aliená-lo, de manipulá-lo”. (Freire, 1979, p. 104).

Contrário à lógica da educação bancária, o curso sempre procurou envolver outros segmentos da sociedade durante as atividades. Dessa forma, oficinas foram (são) realizadas por coletivos e organizações sociais (Negada, Feminista, Movimento dos Trabalhadores sem Terra – MST, entre outros), saídas de campo (sítio arqueológico, museus, bibliotecas, arquivos, instituições de ensino superior) e feira das profissões (com a presença de profissionais de diversas áreas, apontando sobre as possibilidades de atuação no mercado de trabalho).

No que se refere à participação política, o curso popular *Up* acumula, pelo menos, duas grandes experiências. A primeira delas foi que, entre os anos 2015 e 2017, ocupou uma vaga (titular e suplente) no Conselho Municipal da Juventude (Comjuv) do Capão do Leão. Os representantes que participaram deste órgão fiscalizador, deliberativo e normativo das políticas públicas de juventude foram escolhidos pelos/as próprios/as educandos/as. A segunda experiência exitosa foi a organização das sabatinas com os candidatos à prefeitura no município. Em 2016, foi realizada presencialmente, e, em 2020, de forma remota, em virtude da pandemia, transmitida na fanpage do curso, na rede social Facebook⁸. A referida

⁸ <https://www.facebook.com/cursopopularup>

atividade oportunizou tanto aos educados/as quanto ao restante da comunidade a reflexão e o debate acerca dos planos de governo das diferentes agremiações partidárias que concorreram ao pleito.

No entanto, vale destacar que o ápice para os membros da coordenação e para os/as educadores/as foi quando os/as educandos/as conquistaram o ingresso nos ensinos técnico e superior, pois o sonho nunca foi individual; pelo contrário, foi uma conquista celebrada coletivamente pelos/as amigos/as e familiares. No relato a seguir, da ex-educanda Jéssica Pedra, foi possível identificar as transformações ocorridas em sua vida a partir de sua participação no curso:

O Curso Popular *Up* não contribuiu apenas para o meu ingresso na universidade, mas também para a minha construção como cidadã e mulher. Por uma educação de qualidade, do ensino básico ao ensino superior, e pelo crescimento de iniciativas tão importantes como os cursos populares que permitem que pessoas de poucos recursos como eu possam sonhar e concretizar com o universo acadêmico é que precisamos lutar. Sempre em frente contra os retrocessos! (Pedra, 2019, p. 181).

Ela ainda destacou que,

[...] em todas as aulas buscava-se o diálogo e o exercício de formação do pensamento crítico. No final de 2019, encerrei o primeiro ciclo no mundo acadêmico – a graduação, com a apresentação do trabalho de conclusão de curso que teve como tema o ensino de Geografia para alunos com deficiência visual. No mesmo ano, veio mais uma dupla aprovação, dessa vez no Mestrado em Geografia, sendo aprovada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Universidade Federal de Pelotas. (Pedra, 2019, p. 180-181).

Outro relato significativo é o da também ex-educanda do curso Thaís Martins Engemann, que expressou que a gratuidade do curso possibilitou a sua participação. Disse ela:

O fato de ser um curso popular, gratuito, foi importante para que eu conseguisse fazer, pois meus pais são pequenos agricultores e não teriam como pagar um curso preparatório privado para o Enem, sendo assim, essa oportunidade foi determinante para meu ingresso no curso superior que desejei. (Engemann, 2019, p. 182).

Cabe ressaltar que a jovem em questão ingressou no curso de Medicina Veterinária, na UFPel, pois seu objetivo era qualificar-se e dar continuidade às atividades laborais desenvolvidas por sua família, assentada da Reforma Agrária no interior do município.

“E há que se cuidar do broto”

O título desta seção, verso da canção “Coração de Estudante”, de Milton Nascimento, expressa a necessidade de um olhar às fragilidades identificadas no Curso Popular *Up* e de uma reflexão acerca de suas causas. A evasão dos/as educandos/as, com certeza, é a mais significativa, pois está relacionada a outros problemas vivenciados cotidianamente por esses/as sujeitos/as, seja pela jornada excessiva de trabalho, seja pela falta deste, que impossibilita a sua permanência.

A instabilidade do apoio por parte do poder público é outro fator que contribui para a desistência. Embora tenha havido muitas conquistas ao longo desses dez anos, acompanhamos também o retrocesso, com o fechamento do CRJ, a negação do empréstimo de uma sala de aula para a realização das aulas no ano de 2023 e a suspensão dos recursos orçamentários destinados ao curso, previstos no Plano Plurianual do município.

No planejamento inicial do curso, pretendeu-se oportunizar acompanhamento psicológico, a fim de dar suporte aos/às educandos/as, pois muitos trazem consigo questões pessoais que interferem no processo de ensino-aprendizagem. Porém, na prática, não foi possível garantir esse serviço, visto que a colaboradora a quem caberia esta responsabilidade preferiu desligar-se e, posteriormente, não foi identificado/a nenhum/a outro/a profissional que pudesse contribuir voluntariamente.

A acessibilidade também é uma demanda, pois as estruturas prediais no município – em sua maioria – não foram projetadas corretamente, o que limita o acesso e a permanência dos/as munícipes. No CRJ, foram realizadas as adaptações necessárias, pois é significativa a presença de educandos/as com deficiência, porém, nas escolas (em geral), esta estrutura está muito aquém do minimamente necessário.

Por fim, mas não menos importante, a falta de uma estrutura fixa é um, se não o maior, dos desafios do *Up*, pois os poucos materiais didáticos (anterior ao espaço do CRJ e, agora, com o seu fechamento) precisam ser guardados nas residências dos/as coordenadores/as. Em 2013, a coordenadora Luana Jacobsen realizou uma campanha de arrecadação de livros, pois, na época, a Escola Prefeito Elberto Madruga não autorizava aos/às educandos/as o acesso à biblioteca da escola – além de que a mesma estava equipada apenas com livros didáticos. A campanha organizada pela coordenadora foi bem-sucedida, chegando ao conhecimento de uma professora da UFPel que doou todo o seu acervo. A intenção

era disponibilizar o acervo não só para os/as estudantes do curso, mas a todos/as matriculados/as na escola (e até mesmo ao restante da comunidade), porém – em virtude da negativa da direção - não foi possível. O acesso era estritamente restrito, os/as educandos/as só poderiam deslocar-se até a sala de aula, pois eram impedidos de acessar o espaço de lazer, a biblioteca, os laboratórios e o refeitório.

Considerações finais

O Curso Pré-Universitário Popular *Up* surgiu da iniciativa de sujeitos que, comprometidos/as com a realidade local, idealizaram um espaço democrático de defesa ao acesso da classe trabalhadora no ensino superior. Desse modo, a trajetória do curso expressa a necessidade de sua existência e continuidade, pois, contrário à lógica da educação bancária, dialoga com os saberes do cotidiano desses sujeitos. Não se trata de uma educação “profetizada”, mas da construção do conhecimento – de forma coletiva –, incluindo debates significativos à promoção da cidadania e uma bagagem teórica que contribua para o sucesso na realização da prova do Enem.

Se para muitos sujeitos em situação de vulnerabilidade o Curso *Up* é a única opção, para os/as educadores/as envolvidos/as, é um espaço que proporciona a experiência da docência, seja durante a formação acadêmica, seja posteriormente, pois muitos/as dos/as educadores/as já atuam na rede (pública e privada). Trata-se de um movimento em defesa da educação pública e de qualidade a partir da perspectiva da Educação Popular.

De fato, a evasão é uma das dificuldades enfrentadas, porém aqueles/as que permanecem no curso tendem a atingir o objetivo principal – o ingresso nos ensinos técnico e superior. O índice de aprovação dos/as educandos/as sempre foi satisfatório; aqui, se abre precedente para identificar, no futuro, a porcentagem de ingresso desses/as estudantes nas instituições de ensino.

Outro fator determinante para o bom funcionamento do *Up* é o suporte indispensável do Paiets, pois, além de acompanhar todas as demandas do curso, proporciona acesso a materiais básicos, à formação e à certificação dos/as educadores/as.

Diante do exposto, sem medo de cometer grandes equívocos, o Curso Popular tem se constituído como um espaço de resistência, de fomento à

participação política e de acolhida aos/às sujeitos/as que têm seu acesso negado em outras iniciativas (sobretudo, privadas). O objetivo não é uma formação para ser melhor que o outro, mas para o outro.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação Popular. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ENGELMANN, Thaís Martins. Relatos das educandas e dos educandos. *In*: DIAS, Carolina Kesser Barcello; OGAWA, Milena Rosa Araújo; SANTOS, Douglas Ferreira dos (org.). A Universidade vai à Escola: uma experiência de professores universitários no Curso Popular UP. Porto Alegre: Casalettras, 2019.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PEDRA, Jéssica de Oliveira. Relatos das educandas e dos educandos. *In*: DIAS, Carolina Kesser Barcello; OGAWA, Milena Rosa Araújo; SANTOS, Douglas Ferreira dos (org.). A Universidade vai à Escola: uma experiência de professores universitários no Curso Popular UP. Porto Alegre: Casalettras, 2019.

SANTOS, Douglas Ferreira dos. Como um desejo tornou-se militância: o compromisso com a Educação Popular através do Curso Pré-Universitário Popular Up. *In*: DIAS, Carolina Kesser Barcello; OGAWA, Milena Rosa Araújo; SANTOS, Douglas Ferreira dos (org.). A Universidade vai à Escola: uma experiência de professores universitários no Curso Popular UP. Porto Alegre: Casalettras, 2019.

SANTOS, Douglas Ferreira dos. A Educação Popular e os Direitos Humanos: concepções dos educandos sobre o tema no Curso Pré-Universitário popular Up. *In*: SANTOS, Douglas Ferreira dos; STOLS, Sheila. GONÇALVES, Vinícius Vianna (org.). Educação em direitos humanos: reflexões e experiências. Pelotas: Editora Morus, 2021.

Agradecimentos

Gratidão a todos/as que, de alguma forma, contribuíram/contribuem para que o curso popular seja uma realidade. Esse espaço de resistência e luta pelo acesso ao ensino superior é construído por diversas mãos, caso contrário, não seria possível torná-lo realidade. Gratidão ao Prof. Dr. Leonardo Dorneles Gonçalves, e aos demais integrantes do Paiets, pois o suporte da universidade é essencial. Obrigado!

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

AGDA ANTUNES BALDUINO

Bacharela e licenciada em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. PETiana egressa do PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos (2014 a 2017). Foi PETiana/educadora no Projeto Acreditar (2014 a 2015) e educadora de Artes (2016- 2021) e coordenadora no pré-universitário Popular Fênix (2016 a 2019). agdabalduino@gmail.com

CAROLINA COLALILLO NAVAJAS

Estudante de graduação do curso de Medicina, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Educadora e coordenadora do curso pré-vestibular popular Paideia desde 2018. Bolsista do Programa de educação tutorial Conexões de Saberes da Educação Popular e Saberes Acadêmicos (PET popular) desde 2022, carolcnavajas@gmail.com

DOUGLAS FERREIRA DOS SANTOS

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos (PPGPSDH), da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: acervo.dfs@gmail.com

ÉVELYN CASEIRA NUNES

Graduada em Letras Português/inglês – licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestranda em Estudos da Linguagem pela mesma instituição; educadora e coordenadora do curso Poder Popular. evelyncaseiran@gmail.com

FABIANE PEREIRA FONSECA

Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Educadora de Redação e de Literatura no Pré-Universitário Popular Fênix desde 2018 e coordenadora do projeto desde 2020. nanefonseca3@gmail.com

JÉSSICA KIRST

Estudante de graduação do curso de Geografia - licenciatura, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Licenciada em Filosofia pela Universidade Internacional Uninter. Educadora de Filosofia no pré-universitário Popular Fênix desde 2019 e coordenadora do projeto desde 2021. Bolsista do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior (PAIETS) desde 2023. jessicalealkirst@gmail.com

JOHN LENNON BARROS RODRIGUES

Graduado em História bacharelado, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), graduando em Arquitetura e Urbanismo, pelo Instituto Federal de

Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), educador e coordenador do curso Poder Popular, jljnbr@gmail.com

JULIANA AVILA PEREIRA

Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, bolsista CAPES, coordenadora do pré-universitário Popular Quinta Superação, jul.av49@gmail.com

JULIANA MARTELLO

Bacharela em História, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e mestra em Educação Ambiental pela mesma instituição. Foi educadora do pré-universitário Fênix ao longo de 2023, nas disciplinas de história, América indígena e contemporaneidade socioambiental. julianamartello@gmail.com

KELEN PORTO

Estudante de graduação do curso de Pedagogia – licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs). kelenked84@gmail.com

LEONARDO DORNELES GONÇALVES

Pedagogo e Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Professor do Instituto de Educação - Políticas Públicas da Educação, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - FURG). Líder do Grupo de Estudos em Políticas Educacionais - Geducação (FURG). Coordena o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior - Paiets (FURG).

LUÍS CARDINALLI

Estudante de graduação do curso de Bacharelado em Biblioteconomia, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Bolsista do Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior. luiscardinalli2022@gmail.com

ROBERTA AVILA PEREIRA

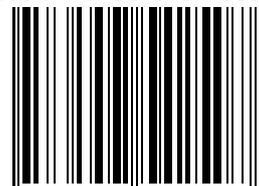
Doutoranda em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGea, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, bolsista CAPES, coordenadora do pré-universitário Popular Quinta Superação, robertapereira108@gmail.com

THALIS FIGUEIREDO SARTÓRIO

Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, bolsista CAPES, coordenador do pré-universitário Popular Quinta Superação, thalis.sartorio@gmail.com

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CÂMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

ISBN 978-65-5754-250-7



9 786557 542507